HISTORIA DE FADAS
poema de
AFFONSO SCHMIDT
(NO TEXTO)
ANNO XXXIII
NUMERO 41
15 - 3 - 1934
Preço 1$200
O Malho

LIVROS E AUTORES

FLORIANO PEIXOTO

A figura do consolidador da Republica é uma das mais suggestivas da nossa historia politica. Sobre ella, tem-se escripto kilos e kilos de papel. Nem por isso a curiosidade publica parece satisfeita.

Agora, surge mais um volume sobre Floriano. E' do sr. Joaquim Laranjeira, editado por "Andersen-Editores". Não é, propriamente, uma biographia, nem um ensaio critico: é mais um panegyrico do qual sahe engrandecida, como um super-homem, a personalidade inconfundivel do general alagoano. O livro narra, ainda, diversas anecdotas historicas da vida de Floriano Peixoto, e é de leitura geralmente agradavel.

CONFERENCIAS E TRABALHOS FEITOS POR OFFICIAES

E' este o titulo de uma pequena brochura, enfeixando diversos trabalhos de officiaes do 2.° Regimento de Infantaria. São os seguintes os trabalhos e conferencias alli reunidos: "A missão do soldado na sociedade contemporanea", pelo capitão Manoel Carlos de Souza Ferreira; "A metralhadora leve", pelo capitão Dario de Carvalho Valle; "Cinco problemas a solucionar", pelo capitão Frederico Trotta; "Breves notas sobre a Campanha de S. Paulo", pelo capitão Mario de Carvalho Valle, e "Conferencias para encerramento do anno de instrucção", pelo coronel Alvaro de Alencastre.

ARTE DE BORDAR

Desta capital, das capitaes dos Estados e de muitas cidades do interior, constantemente somos consultados se ainda temos os numeros de 1 a 26 de ARTE DE BORDAR. Participamos a todos que, prevendo o facto de muitas pessoas ficarem com as suas collecções desfalcadas, reservámos em nosso escriptorio, Trav. Ouvidor, 34, todos os numeros já publicados, para attender a pedidos. Custam o mesmo preço de 2$000 o exemplar em todo o Brasil e tambem são encontrados em qualquer Livraria, Casa de Figurinos e com todos os vendedores de jornaes do paiz.

O MALHO
ANNO XXXIII Propriedade da S. A. O MALHO NUMERO 41

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Numero avulso em todo o Brasil 1$200 Assignaturas: Annual-----60$000 Semestral-30$000

Redacção e administração TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
Telephones: 3-4422 2-8073 - Caixa Postal, 880—RIO DE JANEIRO

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

ENTRE outros assumptos da proxima edição, destacamos:

O Suicidio

CONTO INÉDITO DE FELIPE DE OLIVEIRA

O Egito e as mumias

PAUL DE SAINT VICTOR
Traducção de Jorge Jobim

Canto do Viajante Estrangeiro

POESIA DE MURILLO ARAUJO

Aves e Ovos

PENSAMENTOS DE BERILO NEVES

O Phantasma do Camorim

CHRONICA DE CARLOS MAÚL

Alexandre Lakmañrowsky

CONTO DE JENNY PIMENTEL DE BORBA

Acreditem ou não...

TEXTO E ILLUSTRAÇÕES DE STORNI

SECÇÕES DO COSTUME

Senhora, supplemento feminino — De Cinema — Carta enigmatica e charadas — Horticultura e Floricultura — O Mundo em Revista — Broadcasting — etc., etc.

DE FLORICULTURA E HORTICULTURA

PAIXÃO PELAS FLORES

Não só as cerejas merecem culto fervoroso entre os japonezes; as camelias preoccupam tambem o seu coração pantheista. Aqui está uma senhora nipponica ajoelhada deante de um pé de camelias.

EXPORTAÇÃO DE FRUTAS DO BRASIL

NÃO houve quem não se enthusiasmasse, o anno passado, ante a noticia de que nós exportámos, em 1933, 92.000:000$000 em frutas. E este anno, além da vibração patriotica de nossa alma, vamos poder satisfazer, a preços modicos, o desejo de comer as nossas frutas. Já está em estudos, no Ministerio da Agricultura, o projecto de creação de um "Entreposto de Frutas". Oxalá não passe de um sonho essa aspiração do Governo.

A AMORA

ESTA' começando a ser explorada a amora como fornecedora de um vinho excellente, considerando-se mesmo que este é pouco inferior ao da uva. A saborosa frutinha purpurina, cujas folhas se transformam em seda por intermedio do bombyx, já era utilizada como corante do vinho commum, em logar do malfadado campeche. Da amora tambem se aproveitam as distillarias na confecção de licores e xaropes. Na therapeutica são bem conhecidas as suas propriedades.

Segundo o grande chimico e medico Dr. Peckolt, a amora preta constitue-se um emolliente de primeira plana e, usada em gargarejos, debella as inflammações da garganta e da gengiva nas aphtas e no "sapinho". A amora branca é diuretica, sendo preconisada contra as cystites e a blenorrhagia.

O PRECURSOR DOS JARDINS Á INGLEZA

Era um nobre da Casa de França: o duque François d'Harcourt. Enthusiasmava-se por tudo quanto se relacionasse com as arvores. A elle se deve um jardim celebre, o "Jardim de la Colline", que se pode ainda admirar em Harcourt, assim como um "Tratado da decoração dos Parques", que acaba de ser arrancado ás areias dos Archivos pelo Conde Ernesto de Ganay.

Um dos lindos jardins que foram projectados pelo duque d'Harcourt para embellezar um castello, que se destaca, todo branco, do tapete verde.

Um lindo roseiral

ROSEIRAS ANÃS

AS roseiras, ás vezes, no momento da vegetação, costumam ficar estacionarias. Isto é devido a uma evaporação dos tecidos. Tratando-se dessas pequeninas roseiras, que tanta graça dão aos canteiros, recommenda-se podal-as cerce ao chão, acima de um ou dois olhos, e recobrir momentaneamente os ramos com uma ligeira camada de musgo, que deverá ser constantemente borrifada.

PESADELO

O teu amor é a minha loucura, a minha grande loucura...

Eu tenho ciumes... eu tenho medo.

Amor!... Amor, por piedade não me faças desesperar!...

Que medo, que grande medo me invade a alma... Que frio! Que horrivel frio me atormenta o coração!... — A Morte, Amor, eu vi a Morte... Vi esta figura horrenda me cortar a vida...

O meu corpo endurecido e insensivel como o marmore, vi-o num caixão triste, enfeitado de flôres.

Eu te vi chegar... derramar lagrimas sobre o meu cadaver e... depois... a terra fria... fria e pesada, cahiu sobre o meu corpo. O meu espirito ficou vagando neste mundo... te buscando, te procurando numa ansia, numa Saudade insaciavel de ti... E o meu espirito te encontrou Amor... mas, ai!... Já não eras meu!... Já não eras meu!...

Outro Amor vivia no teu peito, vagava no teu pensamento, enchia de luz o teu olhar, o teu olhar tão negro, que eu quizera encontrar cheio de tristeza, cheio de pranto, cheio de saudades do meu Amor tão grande que a Morte te roubara... Eu senti ciumes... Senti odio deste outro Amor que occupava o coração onde vivera o "meu amor", que dominava aquelles pensamentos que eram meus.

Eu senti ciumes do Amor que se apossava dos teus olhares, dos teus sorrisos que eram meus. E soffri tanto... e soffri desespero enorme... Quando minh'alma se estorcia de dor, numa luta titanica, num desejo louco de se reincarnar e te vir buscar e te vir roubar ao Amor que viera profanar o meu Amor immenso, evaporou-se o meu pesadelo e... lagrimas abundantes me corriam pelas faces...

Amor! Amor! meu Amor! Ouve o meu grito de desespero, ouve o meu clamor, ouve os meus gemidos de dor!... Bem vês que até depois da Morte, eu te amarei... Não aceites nunca outro Amor... e se eu morrer, Amor! meu Amor, morre commigo!...

E. DE PAIVA NASSER

Pessôas presentes á experiencia dos extinctores "Sprinklers Grinnell" realizada pelo Snr. Clyde A. Sholl, representante da acreditada firma Mather & Platt Ltd., na Gavea, cuja efficiencia foi a mais completa, deixando em todos a melhor das impressões.

Programma

Chegou aos nossos ouvidos uma grave accusação contra a Sociedade Brasileira de Auctores Theatraes.

Até agora vinhamos vehiculando as queixas e reclamações que o contacto diario com artistas, musicos e poetas obriga o redactor desta pagina a dellas tomar conhecimento.

Desta feita entretanto, o facto é mais importante e bem merece da dignidade pessoal do sr. Abbadie Faria Rosa uma explicação em regra.

Assevera-se que a S. B. T. entrou em entendimento com uma das "broadcasting" cariocas — a Radio Educadora, por signal — afim desta pagar-lhe mensalmente, a quantia fixa de...... 500$000, pelos direitos auctoraes das composições que irradia.

Com essa negociata altamente prejudicial aos interesses de quantos produzem, pois não se poderá saber a quem pertencem os direitos arrecadados, a Radio Educadora faria uma economia de 300$000 ou 400$000 mensaes do que tem, habitualmente, de pagar.

E a vantagem da S. B. A. T. estaria no recebimento da "bolada" de uma só vez, accrescida da certeza de um bolso que nem sempre é um primor de pontualidade...

Arranjaram-se, assim, segundo se diz, as duas partes, ficando prejudicada a terceira — o auctor — que é uma especie de gente sem sombra de importancia e consideração.

O auctor, que torna possivel a existencia não só da S. B. A. T., como tambem da Radio Educadora e todas as radios deste ou daquelle planeta, é, justamente, a ser verdadeiro o que ahi fica denunciado, a victima indefesa da sua propria creação.

Mas é preciso que se faça luz em torno do caso.

Affirma-se que outras estações já foram abordadas para entrar nesse convenio indecoroso.

O illustre homem de theatro e de letras sr. Abbadie Faria Rosa, a quem nos liga uma velha sympathia espiritual e pessoal, está no dever de desfazer toda e qualquer duvida que paire a respeito.

O. S.

REI E PRINCIPE

Foi o sr. Cesar Ladeira quem chamou Francisco Alves o "Rei da Voz", com evidente desprestigio dos demais cantores exclusivos da "Mairynck Veiga", os quaes, apesar de reconhecerem os meritos do companheiro, não podiam ficar satisfeitos com a proclamação... Mas, agora, coincidindo com a retirada de Francisco Alves daquella "Broadcasting", por iniciativa, aliás, segundo consta, do proprio Cesar Ladeira, foi Francisco Alves eleito "Principe" dos cantores de radio pelos leitores do vespertino "A HORA", em concurso que acaba de encerrar-se. Fica, assim, o popular cantor de "Meu Companheiro" com dois titulos de nobreza, um concedido pelo dictador da "Mayrinck", o talentoso e sympathico Cesar Ladeira, e outro pelo publico leitor da "A HORA".

Rei ou Principe? Eis um caso de opção. Os fans de Francisco Alves que escolham e decidam. Porque, na realidade, com um ou outro, elle continuará a ser o interprete querido da Cidade que o reclama e admira...

ATÉ QUE EMFIM...

Já não têm mais razão de ser as reclamações contra o silencio em torno do concurso de "sketchs" do "Radio Club do Brasil". A commissão, composta pelos srs. Berilo Neves, C. Veiga Lima e Marques Pinheiro, apresentou o seu parecer, cujo resumo adeante transcrevemos:

"A commissão composta dos escriptores Berilo Neves, Marques Pinheiro e C. da Veiga Lima, designada pela directoria do Radio Club do Brasil para o julgamento do Concurso de Sketch instituido em 30 de outubro de 1933, depois de lidos com cuidado todos os trabalhos presentes ao dito concurso, considerando que á maior parte faltavam as qualidades literarias e radiophonicas no genero, resolveu não conferir o 1º premio no valor de..... 1:000$000.

Dentre todos, puderam destacar os seguintes:

1º — "Minha sogra voltou!..." (Columbano), pseudonymo de Heitor Modesto.

2º — "Golpe certo" — (Anthero), pseudonymo de Renato Lacerda.

3º — "Eu, tu, e um beijo...", de Cyro Ribeiro.

Dos sketches recebidos só tres mereceram destaque, sem, entretanto, haver um só digno do primeiro premio. Com amavel optimismo, só para attender ás circumstancias, poderiamos repartir os premios entre os seguintes trabalhos:

"Minha sogra voltou!... (2º premio). 500$.

"Golpe certo" e "Eu, tu, e um beijo", igualmente dividido o 3º premio — 250$ cada um.

A ACTRIZ DO RADIO

O Radio-Theatro, no Brasil, pode-se dizer que foi creado por Olavo de Barros e Annita Spá. Foi esta dupla, pelo menos, que conseguiu despetar o interesse do publico pelas irradições de dialogos, peças ligeiras, poemas, etc.

Annita Spá é a "estrella" da declamação pelo microphone. Dicção optima. Inflexões expressivas. Effeitos radiophonicos que só ella sabe tirar. E ahi está, no clichê, uma photographia de Annita Spá para illustrar esta legenda.

NOTAS FÓRA DA CLAVE

Num dos nossos ultimos numeros, sahiu uma nota sobre o concurso do vespertino **A Hora**, dizendo que João Petra de Barros vencera em primeiro logar o referido concurso, quando o alludido artista alcançou o segundo logar, em seguida ao nome festejado de Francisco Alves, que foi o dono do primeiro.

* * *

Depois do "Vendedor de Amendoim", rumba cubana que tanto exito obteve em todo o mundo, os "vendedores", com os seus pregões harmoniosos, ficaram na moda. Os francezes já fizeram "A Vendedora de Abacaxis", gravada em disco por M. Malliore com Alexandre e sua orchestra.

* * *

A Radio Guanabara inaugurou seus novos studios á rua 1º de Março, havendo o acto inaugural sido celebrado com solemnidade.

* * *

Segundo dizem, as grandes estações da Europa são ouvidas em Matto Grosso muito melhor do que no Rio em S. Paulo. Ainda ultimamente um discurso do chanceller Hitler, irradiado de Berlim em lingua hespanhola, foi perfeitamente escutado em Campo Grande. As condições atmosphericas, entretanto, não favorecem as irradiações do outro lado do Atlantico para o sul do Brasil.

* * *

Berillo Neves, o escriptor que não gosta das mulheres... quando escreve, irradia, todas as semanas, interessantes palestras que o bello sexo ouve com o prazer que, segundo a philosophia dos sambistas malandros, lhe causam as pancadas de amor...

* * *

Bastos Portella, o brilhante poeta de "Suave Enlevo", seu livro de estréa, acaba de publicar um novo volume de lindas poesias, sob o titulo "Azul e Rosa", motivo actual dos encantos literarios femininos. Bastos Portella tambem escreve letras de musica, sendo auctor dos versos da valsa "Teu sorriso é a minha dor". Atravez do microphone da "Radio Educadora", outrosim, temos ouvido ligeiras palestras sobre cousas mundanas por elle transmittidas ás suas admiradoras.

* * *

O editor Mangione vae lançar o fox-trot americano **Stormy Weather**, que já está fazendo furor entre nós. O titulo em portuguez será "Tempestade" e o auctor dos versos é Oswaldo Santiago.

* * *

Julio de Oliveira acaba de compor mais uma linda valsa que Sonia Barretto lançou atravez do "Programma Casé". Intitula-se "Taça dourada" e vae ser editada pelos Irmãos Vitale. E' possivel que seja Sonia Barretto quem a grave em discos.

BOLAS DE CRYSTAL

— Então, a S. B. A. T. possúe mais de 400 contos de "direitos parados", que não sabe a quem distribuir?

— E' verdade. Pelo menos, é o que dizem os entendidos.

E que vae ella fazer com esse dinheiro todo?

— Com certeza, vae mandar erguer um monumento ao "auctor desconhecido"...

* * *

— Já sabes que varias "duplas" estão em vesperas de formar-se, no "broadcasting" carioca?

— Não. Quaes são ellas?

— Aqui vão algumas: Silvia Mello e Custodio Mesquita. Valo Abreu e Madelú de Assis. Manoel de Araujo e Aracy de Almeida. Cesar Ladeira e Aurora Miranda. Kalña e Celia Mendes.

— Que diacho! Não entendo. Que "dupla" pode formar um "speaker" e uma cantora?

— Que bolas! Nunca pensei que fosses tão pouco intelligente...

CAIXA D'O MALHO

SANTANNA PINTO (Varginha) — Houve um tempo em que eu tive o fetichismo da vernaculidade. Nessa época, a questão que V. apresenta me preoccupou e eu andei atrás de autores e grammaticos, a ver como era o certo. E o resultado é que ainda fiquei mais em duvida, porque, se uns me convenciam de que ali a bôa linguagem exige a variação pronominal, outros demonstravam o contrario. Eu acabei resolvendo o caso pelo ouvido. Isso para o meu uso. Deante da sua p e r g u n t a, voltaram-me as duvidas. Consultei um philologo e elle embrulhou o assumpto horrivelmente. «Afinal, mostrei-lhe a propria phrase que V. citou, e elle achou que não estava errada. Elle entende que o substantivo ali serve de parochoque. Eu, de minha parte, não poria o pronome antes do substantivo e depois da preposição, só com medo do "entreti". Mas não teria o menor escrupulo de empregar a variação pronominal em logar do pronome, logo após a preposição. Estou certo de que V. ficou tão edificado como eu, depois de ouvir o Dr. Laudelino Freire...

SIMBAL (?) — A anecdota é bôa, mais é velha como o diabo. Além de tudo, V. não a contou, como devia de modo que o final perdeu a graça. Felicito-o pela perspicacia: ella foi mesmo, para a cesta.

FERNANDA (Rio) — Não teria a menor duvida em publicar o seu poema, se não fosse tão longo. Infelizmente, não posso dispôr do espaço que elle exige.

Com muita pena, ponho de lado a sua "Taça Quebrada", que me parece de precioso lavor.

MARIO DUPRAT FONSECA (S. Paulo) — Sinto muito ter-lhe pisado nos callos literarios, mas aqui não ha direitos adquiridos. Tive que arranjar uma lente para decifrar a sua chronica maluca. Creio que será publicada... se o secretario conseguir tambem soletral-a. Quanto ao seu pedido, é com a gerencia. Eu, se o attendesse, desequilibraria o orçamento só com os sellos.

LOBIVAR MATOS (Rio) — Procure ler que lhe será de grande proveito. Gostei muito de "Garimpeiro". E olhe que eu tinha relido, dias antes, por acaso, aquella formidavel pagina de Euclydes da Cunha, em "Contrastes e Confrontos".

CARLOTA MICHAELIS (S. Paulo) — Bem, sahirá, como é do seu desejo. Mas não espere vel-os publicados já, porque ha muita gente, atropelando-se na sua frente. E se deseja continuar collaborando, não faça cerimonia. Quanto á sua observação sobre os seus conterraneos, não está muito certa. Os paulistas apparecem muito por cá e contribuem com um bom contingente de collaborações acceitaveis.

LUCIANO LACERDA (Bahia) — Se eu dispuzesse de mais espaço, publicaria a sua "Balada". Mas como a gaveta do secretario está abarrotada de poesias, sou obrigado a fazer uma selecção muito rigorosa entre as collaborações que me enviam.

De modo que só passa o que estiver muito bom.

ASSIS (Rio Claro) — Um conto inteirinho naquella linguagem, cansa. O seu trabalho é interessante, mas não graphado daquelle modo. V. póde dar uma idéa da linguagem popular, conservando-lhe os modismos mais expressivos, sem ser preciso, entretanto, escrever tudo errado. Um pouco de esforço e bôa vontade e terá feito um bom conto.

E' bom tirar tambem o beijo. Dá um tom de cinema, muito em desaccordo com o ambiente sertanejo.

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DA 29.ª CARTA ENIGMATICA

CAPITAL FEDERAL

LADY LEAL — Esteves Junior, 34 — Cattete.
LESTINOLIA PRATA — Pedro I, 7 — App. 603.
DE'A TEIXEIRA BRITO — Silva Rego, 35, c. I.
JOSE' ACYLINO DE SOUZA — Av. 28 de Setebro, 109 — Villa Isabel.

ESTADO DO RIO

LUIZ D'AVELLAR DRUMMOND — B. do Amazonas, 504 — Nictheroy.
LAURA DE SOUZA LEITE — Therezopolis.

SÃO PAULO

ROSALVA DE MEDEIROS RAMOS — Alameda Campinas, 81 — Capital.
LAURA S. DE QUEIROZ — Patrocinio do Sapucahy.
D. B. MICHELINI — Prudente de Moraes, 40 — Ribeirão Preto.
NICOLAU ALONSO MARTINS — Sorocaba.
PEDRO CUNHA — Frederico Steidel, 30 — Capital.
DICTINHA HOMEM DE MELLO — Jeronymo Leitão, 32 — Capital.

MINAS GERAES

D. BRASILEIRO — Av. Paraúna, 1.244 — Bello Horizonte.
LAURITA FONSECA — Santa Rita do Sapucahy.
MARISTELLA ARAUJO — Caetés, 646 — Bello Horizonte.
WALTER LOPES DA COSTA MOREIRA — Baptista de Oliveira. 590 — Juiz de Fóra.
DERMEVAL DA CUNHA LEITE — Caixa Postal — Barbacena.

RIO GRANDE DO SUL

MARCINIO GARCIA DE VASCONCELLOS — 3° G. A. Cav. — Bagé.
PRINCIPE NEGRO — Rua dos Remedios, 27—Cachoeira.

MATTO GROSSO

RUTH TOCANTINS — Praça Conde Azambuja, 5 — Cuiabá.

ESPIRITO SANTO

OLYMPIO DOS SANTOS — Affonso Claudio.
MARIA LUIZA FREITAS — Posta Restante — Cachoeiro do Itapemerim.

ALAGÔAS

DOMITILA ABREU — P. Floriano Peixoto, 571 — Maceió.

BAHIA

ALBERTO BARRETO DE CASTRO — Ilhéos.
ADAIL M. GUIMARÃES — Travasso de Fóra, 62 — Capital.
CARMEN MOREIRA DA SILVA — Ladeira da Soledade, 117 — Capital.

PERNAMBUCO

PAULO AFFONSO FERREIRA — Gervasio Pires, 1.063 — Recife.
MARIA ADALGISA — C. Postal 532 — Recife.

PARAHYBA DO NORTE

AVELINA PADUA — Fazenda Leitão — Mamanguape.

RIO GRANDE DO NORTE

LOURDES CID DO NASCIMENTO — João Pessôa, 272 — Natal.

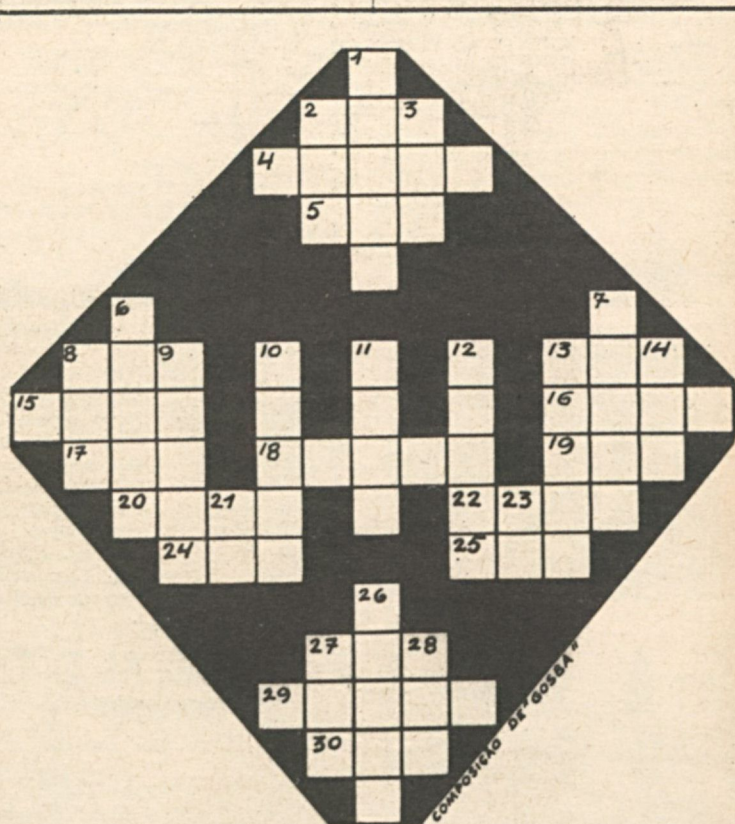
A SOLUÇÃO EXACTA DA 29ª CARTA ENIGMATICA

"TROVAS POPULARES DO BRASIL

Lá vem a lua sahindo,
Redonda como um tamanco.
Fizeram a cama pequena,
Eu fiquei com o pé de fóra.

O Canario canta tristemente
Preso numa gaiola.
Laranja é fruta bôa,
Banana não tem caroço.

Pinto Loures"

Palavras cruzadas

Linhas horizontaes: 2 — Humor morbido; 4 — Armadura; 5 — No Eduardo; 8 — Tempero invertido; 13 — Na cera; 15 — Genero de moluscos; 16 — Expediente; 17 — Ponto cardeal; 18 — Inspiração; 19 — Numero; 20 — Preposição; 22 — Fruto do Brasil; 25 — Ave trepadora de nossa terra; 27 — Doce; 29 — Faixa de tecido forte; 30 — Do verbo agir.

Linhas verticaes: 1 — Dansa dos pretos; 2 — Prefixo; 3 — Adjectivo possessivo; 6 — Planta leguminosa; 7 — Contratempo; 8 — Flor; 9 Insecto phosphorescente; 10 — Medida; 11 — Felino; 12 — Hospéda (verbo); 13 — Fruto de que se faz uma bebida; 14 — Orgão humano; 21 — Designativo de opposição; 23 — Metade de onze; 26 — Torrão desfeito; 27 — Do verbo miar; 28 — Variação pronominal.

Ao nosso collaborador "Gosba", devemos o presente interessante problema, que constitue o 8° torneio das "Palavras Cruzadas".

As soluções deste concurso devem ser enviadas á nossa redacção, Travessa do Ouvidor, 34 — até o dia 14 de Abril, data do seu encerramento. Na edição d'O MALHO de 26 de Abril, apresentaremos o resultado do sorteio procedido nesta redacção, e no qual serão distribuidos, entre os concurrentes, 20 magnificos premios. O "coupon" n° 8 deve acompanhar a solução, devidamente prehenchidos os seus claros.

PALAVRAS CRUZADAS
COUPON N. 8

Nome ou pseudonymo .. ..
.. ..
Residencia .. ..
.. ..
.. ..

Depois, em HOLLYWOOD,
continuou vencendo
corações...

UM FILM DE LINDAS MUSICAS, DE RIQUISSIMA MONTAGEM, DE MIL MOTIVOS ENCANTADORES

Marion
DAVIES

DELIRIO DE HOLLYWOOD

Bing
CROSBY

Fifi D'ORSAY • Stuart ERWIN
Ned SPARKS • Patsy KELLY

SEG. FEIRA · PALACIO
19
O CINEMA DE TODO O RIO CHIC

Metro Goldwyn Mayer

Rosas alimenticias

COMER rosas... Ultima fórma do lyrismo universal, ou primeiro assalto ás tradições floridas da Poesia? Começo ou fim, decadencia ou profanação?...

Pangloss Smith (que pelo nome não se perca), chimico americano, preconiza essa fórma, quasi espiritual, da alimentação. E affirma que, dentre as flôres, as rosas se revelam, mais que todas, nutritivas e saborosas. Rainhas pela belleza, tambem o são pelo sabor e pelas virtudes physiologicas. E tanto esplendem num salão, entre princezas claras, quanto na panella, entre cozinheiras escuras...

Misturae, amigos, num prato de porcellana, rosas frescas, Palmeron ou La France, deitae um tudo-nada de vinagre, mexei, servi... Luculo não sonharia salada mais fina! Nero, nos seus festins, daria 1.000 escravos por esse prato, digno dos deuses! E Jupiter, no Olympo, haveria de saboreal-o com emoção, e respeito...

As virtudes das flôres variam, consoante a especie, o modo de colher, o geito de preparar ou servir. O lyrio, ao almôço, fortalece ao bulbo piloso. A camelia é excellente para fazer baixar a hypertensão arterial...

Os poetas que, ha 100 annos, cheiravam, melancolicamente, num canto de salão, as flôres tenues do Romantismo, teriam feito melhor (e viveriam mais tempo) se as comessem. Armando Duval acalmaria os impulsos do coração se, ao invez de beijar com furia a Dama das Camelias, devorasse, com appetite, as camelias da sua dama...

A Sciencia tem desses rasgos de misericordia: mostra, de um só golpe, o valor nutritivo das cousas creadas e o ridiculo enorme das creaturas. A Humanidade, neste grau elevado das civilisacões, regressa á simplicidade sadia dos primeiros tempos: devora tudo o que está ao seu alcance...

Vamos almoçar cravos de Petropolis: a m a n h ã beberemos lagrimas, tenues, de virgens... Um dia aproveitaremos a fôrça motriz dos suspiros. E quando se pesar ou medir a idéa, os patifes estarão de parabens: os maus pensamentos pesarão mais do que as fantasias, ingenuas, da innocencia...

Não existe, já, quem tenha tentado valer-se da energia potencial dos espirros? Numa familia de endefluxados chronicos elles dariam para illuminar a casa, ou aferventar, tranquillamente, os feijões...

Comedores de rosas... **Florivoros** — no elegante dizer da technologia scientifica.

— V. Ex. é servida de uma asa de frango, minha senhora?

— Agradecida, cavalheiro: s o u florivora...

Elegante e, sobretudo, discreto, não?...

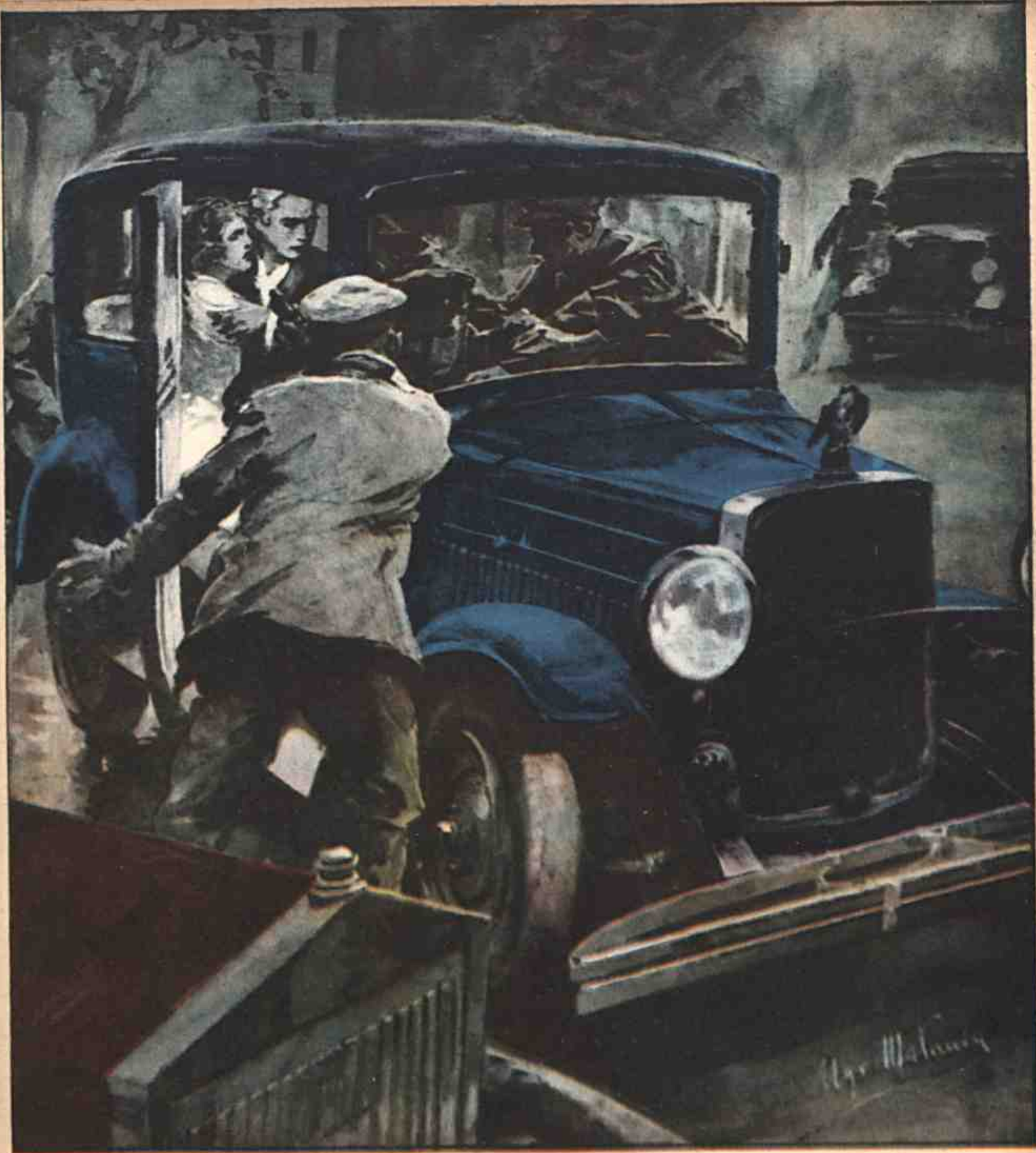
Em Carthago, sob Amilcar Barca, já se conheciam os "comedores de cousas immundas". Nós, pelo menos, somos mais asseados. Devoramos o mais bello producto da Natureza, decoração gentil dos casamentos, coroação de reis e enterros de luxo...

Se é certo que o alimento se incorpora ao sangue e, com elle, se identifica á substancia intima dos tecidos, é de presumir que os comedores de rosas se tornem, com tempo, macios e cheirosos — como as proprias rosas... Ao ver uma linda dama, os poetas, muitas vezes, lhe diziam ao canto rosado da orelha:

— Parece feita de petalas de rosas...

O que hontem era galanteio de namorado, amanhã será realidade de toda hora. O coração cede logar ao estomago. E as damas, no dia do seu anniversario, passarão a alimentar-se com o objecto mesmo das homenagens e o symbolo vivo das graças... Apenas teremos que dividir as flôres de accordo com a qualidade, ou profissão, dos individuos. A um soldado rude não lhe ficará bem alimentar-se de hortensias, nem a uma dama sentimental o nutrir-se de cravos de defuntos... A flôr de abobora — e a propria abobora — conviriam ás damas maiores de 40 annos e de 60 kilos... E a flôr do ipê? E a do pecegueiro? Seria estupido mettel-as entre os dentes carnivoros de um açougueiro...

Não haveria, jámais, banquete de noivado que não constasse de rosas, dhalias, cravos, açucenas, hortensias e quanta mais flôr gentil a terra offerece para encanto dos olhos, e conforto das visceras inferiores. Nesses banquetes, os noivos trincariam entre os dentes, commovidos, as petalas tenras das rosas — emquanto, na copa, os sogros, despoetizados e tristes, roeriam, ainda, a carcassa prosaica de um caranguejo ou a perna desabusada de um porco...

BERILO NEVES

Carlito raptado pelos "Gangsters"

Os "gangsters" continuam a fornecer copioso noticiario á imprensa americana, e cada caso que surge é mais uma aventura inédita e quasi inadmissivel na vida real.

Tres facecias appareceram ultimamente nos jornaes yankees que causaram extraordinaria sensação e numa dellas figuravam pela primeira vez as mulheres.

Segundo o "New York Herald", de New York, a policia, depois de ingente trabalho, conseguiu deitar a mão a duas senhoritas e a um rapaz, que operavam numa casa de generos alimenticios. Uma das malfeitoras, justamente a mais captivante, penetrou no armazem e foi logo dirigindo-se ao "patrão", a quem pediu "dois kilos de batatas inglezas de primeira qualidade." O proprietario do estabelecimento attendeu promptamente á "freguezа". Mas quando voltava com a mercadoria, para as embrulhar, viu-se deante de um homem, armado de revólver, que o obrigou a despojar-se de suas calças, emquanto as duas damas "limpavam" a caixa registradora...

Uma das "ultimas" dos "gangsters", e é a mais falada, teve por protagonista o celeberrimo Charlie Chaplin, o Rei do Riso, e sua noiva Paulette Goddard, querida artista cinematographica. O admiravel interprete de "Luzes da cidade" conduzia sua futura esposa a Hollywood, num elegante e confortavel automovel quando, a meio caminho da capital do cinema, varios bandidos lhe barraram a passagem, apoderando-se do illustre comediante. Paulette desmaiou, embora Carlito, que se manteve calmo, a tivesse tranquillisado com palavras carinhosas:

— Não é nada... Acalme-se!... São collegas que se querem divertir á nossa custa... O melhor é tomarmos a coisa a serio e accedermos ao que, por ventura, elles nos exigirem... Não vá desmaiar!... Lembre-se de que vae ser a rainha do Riso!...

Carlito conseguiu, no dia seguinte, a liberdade, mas ao preço de **meio milhão!**

vitral

A primeira impressão da alma ante aquele ambiente escuro é de medo. Depois vem o respeito. Ainda com os olhos tontos de luz a nave toda roxo-negra faz temor. Sugestões de luz. Côres tristes. Nos altares onde pouco se distingue o cintilar dalgum dourado ou o brilho dos castiçais qualquer claridade é abafada pela melancolia do roxo.

Comemora-se com o silencio e a reza uma passagem do Rabino.

Esquece-se tudo o que é efemero e pensa-se no eterno. O misterio de outras paragens.

Das claridades e janelas de traço gotico já não se vê mais a luz alegre do céo coada pelos vitrais artisticos.

Pela nave tudo é sombra. Penumbra e silencio.

Até as imagens coloridas estão cobertas de roxo. Recolhimento.

Mas que contraste com a claridade lá de fóra!

A natureza parece alheia a esses sentimentos. Tudo é vida luminosa.

Céo, terra e mar se transfiguram em cintilações de ouro e fogo em reverberos estonteantes. Tudo é o momento rapido da vida em que a natureza reflete como uma chapa de aço batida de sol.

A aragem é branda na aquarela luminosa, a onda se arroja quebrando a lantejoula das espumas, o traço duma andorinha risca a imensidade e o canto dum passaro distante alegre — tudo é a vida num cristal tocado de sol.

De um lado a côr da paixão apagando qualquer alegria em tons violaceos e negros...

De outro a alegria da Natureza, parecendo propagar a sua expansão, avança parte da entrada do templo.

E entre os dois contrastes de luz e treva, de alegria dionisiaca e o recolhimento de luz e alma, um só vitral aparece como meio termo.

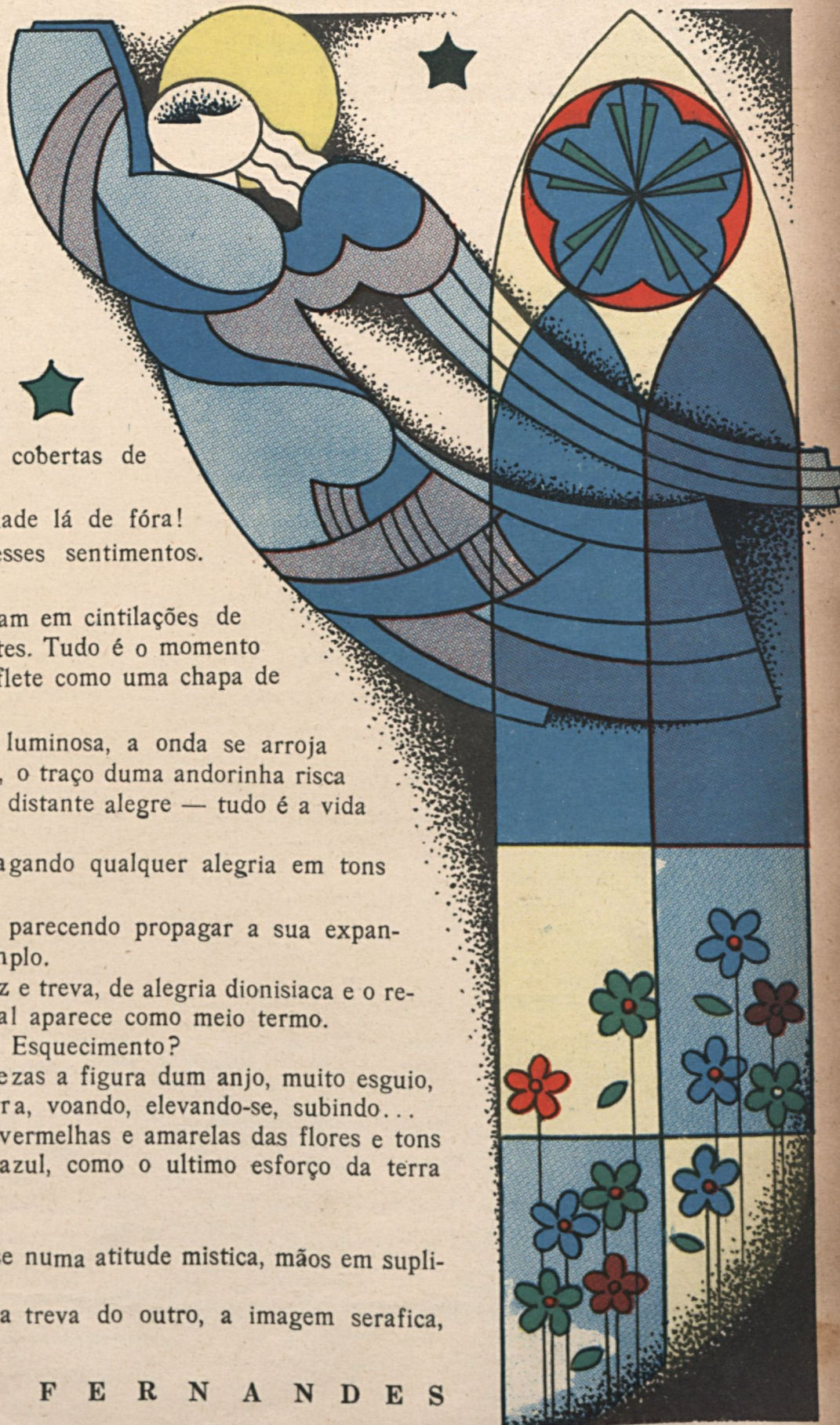
Estranho quadro da penumbra! Esquecimento?

O vitral tem entre as duas naturezas a figura dum anjo, muito esguio, todo branco como se não fôra da terra, voando, elevando-se, subindo...

Em baixo se vêm as manchas vermelhas e amarelas das flores e tons verdes dando rapidas pinceladas no azul, como o ultimo esforço da terra para elevar-se no eter...

Depois tudo é azul.

O anjo vai para além elevando-se numa atitude mistica, mãos em suplica, procurando atingir mais alto.

E entre a claridade dum lado e a treva do outro, a imagem serafica, elevando-se para além, sorri.

SEBASTIÃO FERNANDES

Illustração de Cortez

ACTO UNICO

A' esquerda alta, angulo de muralha arruinada; entre as guirlandas de hera, apparece pesada porta, provida, em cima, de postigo praticavel, para a moradora attender aos que a procuram. Ao lado da porta, a argolla da aldrava. A' esquerda baixa, mesa tosca com dois mochos. Na parede, um nicho onde se encaixam bilha de agua e caneca. Ao fundo, o horizonte, apparecendo nas cinzas da distancia a torre do burgo longinquo. A' direita, a estrada que serpeia e desapparece em direcção ao povoado. E' ao entardecer. Ouvem-se plangencias remotas de Angelus.

SCENA I

Pastor, Menestrel, Tres Mulheres Tristes

Diante do nicho, tres mulheres, embuçadas em seus chailes, tomam da agua da bilha. Depois, se afastam, curvas, silenciosas, uma atraz da outra, como sombras; em seguida, um pastor vae á bilha e tambem se dessedenta. Ao sahir, tira o chapeu diante do postigo e se dirige a quem deve estar lá dentro.

PASTOR

Que Deus vol-a agradeça. Esta [agua deixa a gente
Como se fosse pedra. E nunca mais [se sente
Cá por dentro, queimando, a brasa [de uma dor.

(Vae sahir, mas encontra um moço indeciso, que parece ter chegado de longe).

MENESTREL

Habita por aqui, meu velho?

PASTOR

Sim, senhor.

MENESTREL

E me sabe informar quem vive nesta lura?

PASTOR (com receio)

Eu... não vos sei dizer.

MENESTREL

Pois eu ando á procura
De alguem que as dores tira, assim [como quem colhe
Rosas numa roseira.

PASTOR

Ai, ai! As dores...

MENESTREL

Olhe:
Longe daqui, ha tempo, um velho [cavalleiro
Me descreveu assim o confuso ro- [teiro:
"Quando a estrada virar e surgir no [horizonte
O burgo, escutareis o choro de uma [fonte;
Vereis uma muralha esverdeada e [nella
A porta que conduz á interdicta ca- [pella;
Batei e se abrirá" — Assim me dis- [se um dia
O velho cavalleiro errante que tra- [zia
Uma rosa a luzir na cruz da sua es- [pada.
Deve, pois, ser aqui.

PASTOR

— Eu já o suspeitava...
Que ides fazer?

MENESTREL (indo á porta)

Puxar a argolla áquella aldrava.

PASTOR (Sae penalizado; fóra, ouvem-se as campainhas das cabras e a voz do homem).

Eia! Prá frente! Andai!

SCENA II

A Maga e o Menestrel

(O Menestrel vae á porta, puxa a argolla pendente e lá dentro se escuta a batida de uma sineta).

A VOZ DA MAGA

Quem bate á minha casa?

MENESTREL

Um que vem de bem longe e a quem a sêde abrasa.

MAGA (ao postigo)

Quem sois vós que falaes repassan- [do de mel
As coisas que dizeis?

MENESTREL

Ninguem: um menestrel
Que passa.

MAGA (fecha o postigo e vem ter com o desconhecido)

Um menestrel que passa... Alguem [que vive
Como quem desce e canta ao longo [de um declive.
Errastes vindo aqui. Tomae aquel- [la estrada
E logo chegareis á povoação. Em [cada
Casa aberta, achareis o farto bró- [dio posto
A terna codea branca e o inebrian- [te mosto.
E ao som do banjo que desfolha [malmequeres
Bailarão ao luar, nos páteos, as [mulheres.

MENESTREL

Não. Eu venho de longe unicamen- [te para
Beber daquella fonte occulta a lim- [pha clara
Do silencio e do olvido. Eu preciso [bebel-a.
Por sobre a vossa bilha aurifulge [uma estrella
Que nos faz esquecer a corôa de es- [pinhos.
Vêde. Cobre-me o pó de todos os [caminhos.

MAGA

Assentae-vos ali, descançae.

MENESTREL (sentando-se á cavalleira de um mocho)

Obrigado.

MAGA

Chegaes de muito longe?

MENESTREL

Eu venho do outro lado
Daquella linha azul.

MAGA

Das terras onde o gelo
Engrinalda os pinhaes?

MENESTREL

Não. De outras terras pelo
Resplandecente sol banhadas, mais [ao centro.
Cidade que desceu, cantando, mar [a dentro.
Alta noite, ao luar, a serenata [ronda
Vae-se á janella. Tudo é calma. [Nem a onda,
A vela peregrina, ou o pharol per- [dido
Quebram a solidão do golfo ador- [mecido.
Quem cantará? Ninguem. Ninguem [a voz levanta...

MAGA

Ninguem?!

MENESTREL

Ninguem. E' o mar, o proprio mar que canta.

MAGA

Continue.

MENESTREL

De manhã á noite, as oliveiras
Que se alongam na costa em com- [pridas fileiras,
Têm guisos de cristal. São lyricas [fanfarras.

MAGA

As arvores tambem?!

MENESTREL

Milagre das cigarras...

MAGA

Descreio desse mal que assim vos [dilacera,
Junto ao mar, ao sol, em plena pri- [mavera...
Que fazem lá no sul as mulheres [formosas?

MENESTREL

Ai de mim!

MAGA

Nos balcões já não florecem [rosas?

MENESTREL

Ai de mim!

MAGA

Que tristeza o rosto vos ensom- [bra!

MENESTREL

Eu soffro de amor.

MAGA

Por quem?

MENESTREL

Por uma sombra.

MAGA

Céus!

MENESTREL

Eu vol-o direi.

MAGA

Contae! Contae!

MENESTREL

Ouvi.

(Pausa. Fica a lembrar-se de uma aria já ouvida, alhures)

Firuli... Firulá... Firulá... Fi- [ruli...

(Volta á realidade, põe-se a contar a aventura)

Certa noite cheguei á porta de uma [herdade.
Sentia tanta febre e uma tal ansie- [dade
Que á voz do camponez que pergun- [tou — quem vive?
Tombei por terra, e, ali, a noite in- [teira estive.
Ao acordar, porém, achei-me numa [cella
Carmezim, com florões dourados e [tão bella
Que pensei: — Isto é a febre! Eu [deliro! — No emtanto,
Moveu-se uma cortina e logo após, [do canto,
Surgiu uma mulher, calada, que [trazia
Vinho. Perguntei-lhe mil coisas. [Ella ria
Sem nada responder. Concluida a [merenda
Reintegrou-se, a rir, na cortina de [renda.
Lá fóra, pardejava. E, no campo [lilá,
A gaita pastoril: — Firuli, firulá...
Certa noite senti, na sombra, um [passo leve
De alguem que caminhava. Estre- [meci. Em breve,
Appareceu por traz da prateada [cortina,
Uma joven mulher tão pallida, tão [fina,
Tão loura, tão gentil, que fui, sem [saber como,
Ajoelhar-me a seus pés, num tres- [loucado assomo,
Beijar-lhe a fimbria leve e a ponta [dos chapins.
Ah! Que noite de amor perfumada [a jamins!
Quando acordei, o sol, cômo um [demonio louro
Pendurava clarões nas grandes mê- [das de ouro;
A muda serviçal, com seus vestidos [malva,
Trazia carne, pão e vinho numa [salva
De xarão; e, lá fóra, enternecido, [ouvi
A gaita do pastor: — Firulá, fi- [ruli...
Deliciosa prisão! Jamais um prisio- [neiro

HISTORIA de FADAS — ACTO EM VERSO

Bemdisse a ferrea grade, o duro car- [cereiro,
Como eu bemdigo os que, naquella [herdade,
Pagaram com amor a minha liber- [dade.
Na mysteriosa cella, eu, conforma- [do grilheta,
Passava a tarde inteira olhando o [céu violeta,
Na ansia do anoitecer, para ver, na [cortina
De rendas, a mulher, tão pallida, [tão fina,
Tão loura, tão gentil, cujo nome não [sei,
Mas que me teve amor e a quem eu [adorei.
Uma noite, porém, a cortina ren- [dada
Não se moveu na treva. Ao vir da [madrugada,
Sonhei que a espiral de fumo da [caçoula
Continha dormideira, o succo de pa- [poula.
Somno pesado aquelle! Um somno [de tal sorte
Que devia roçar os áditos da morte.
E o despertar, então? Achei-me de [repente
Na volta de um caminho, ao pé de [uma corrente,
Pedra por travesseiro e grama por [alfombra.
Uma arvore me dava a esmola de [uma sombra.
Ergui-me a custo e fui, a caminhar [incerto,
Como quem se perdeu no meio do [deserto.
Em busca do solar, da recâmara es- [cura,
Do meu estranho bem, da saudosa [clausura,
Da transparencia cor de prata da [cortina,
E da velha canção da gaita campe- [zina
Que não posso lembrar — e quem [na lembrará?
Firulá, firuli... Firuli, firulá...

MAGA

Nunca mais encontrou aquella es- [tranha gente?

MENESTREL

Nunca mais.

MAGA

E por que não tenta novamente?

MENESTREL

Nunca mais consegui pensar em ou- [tro assumpto;
Onde quer que me veja, a saudade [está junto.
Qualquer coisa que eu mire ao meu [olhar se apaga
E fica em seu logar uma figura vaga.
A sorrir, a sorrir... A leve forma [flôe...
Abro os braços, aperto... E a visão [se dilue.
Eu venho supplicar um púcaro da [agua
Que lava para sempre a mais dori- [da magua.
Senhora, eu vol-a peço!

MAGA (indo á bilha)

E eu vol-a dou, mas devo
Prevenir-vos de que perdereis todo [enlevo
De viver. Quem mais vibra é aquel- [le que mais soffre.
E vós quereis fechar, á chave, o vos- [so cofre.

MENESTREL

Eu não quero soffrer.

MAGA

Mas aprendei, senhor,
Que alegria não é antithese de dor.

MENESTREL

Senhora, por piedade!

MAGA (dando-lhe a beber)

Assim, vós a pedistes...

MENESTREL (erguendo o púcaro)

Adeus, ó lentidão das minhas horas [tristes!

MAGA

Que tal?

MENESTREL (numa introspecção)

Sinto-me bem. Foi como se apagasse
Uma lampada azul, como se apazi- [guasse
Essa lucta que vem das origens da [vida.
Sou alguem que parou em meio da [subida.
Dentro de mim um Eu esmaga a ou- [tro. Vence-o.
E depois? Só ficou o gélido silen- [cio...

(Ao fundo, sobre os campos, começa a apparecer o disco argenteo da Lua Cheia; alhures — firuli, firulá — ouve-se uma gaita campezina. Elle fica suspenso).

A gaita pastoril, a rustica toada!

MAGA

Que está sentindo?

MENESTREL

Nada.

MAGA

Uma tristeza?...

MENESTREL

Nada;
Horrivelmente nada.

MAGA

Entristeceis, senhor?

MENESTREL

Que saudade, meu Deus, da minha [velha dor!
Poderei viver só, sem ter a com- [panhia
Da muda tecelã que os versos de [ouro fia?

SCENA III

Menestrel, Maga, as tres mulheres tristes e camponios

(Durante esta ultima fala, a Lua Cheia se ergueu sobre os campos, tornou-se immensa e á sua luz foram chegando pela estrada as tres mulheres tristes, o pastor, camponios com seus forcados e ancinhos).

PASTOR

Nós viemos aqui buscar a nossa ma- [gua!

1.ª MULHER

Queremos ter de novo os olhos ra- [zos de agua!

2.ª MULHER

Com que direito vós quereis ficar [com ella?

4.ª MULHER

Nós queremos soffrer!

MENESTREL

A magua era tão bella!

(Abandona a Maga e vae juntar-se aos camponios).

Eu tambem, como vós, perdi o meu [thesouro.
Daria, por soffrer, até montanhas [de ouro!

PASTOR (ao Menestrel)

Ide falar-lhe afim de que nos resti- [tua
Nossa riqueza humilde.

MAGA (num extase)

Eu vos bemdigo, ó Lua!

1.ª MULHER

Vêdes? E' uma bruxa!

2.ª MULHER

E' uma feiticeira!

3.ª MULHER

E' preciso queimal-a.

1.ª MULHER

A' fogueira!

VOZES EM CORO

A' fogueira!

MENESTREL (está diante do disco do plenilunio e parece um Santo com a sua aureola prateada).

Tende pena de nós, restitui a es- [trella
Pallida cuja luz nós seguiamos pela
Encosta da montanha; e sêde com- [passiva
Para que a gente chore e que cho- [rando viva
Neste roxo jardim de humilimas [violetas.
As nossas dores são como nossas [muletas.

1.ª MULHER

Dizei que nol-as dê novamente!

2.ª MULHER

E quando...

PASTOR

Silencio!

3.ª MULHER (desanimada)

E' como se elle estivesse rezando...

MENESTREL (proseguindo)

A dor esculpe a nossa intelligencia [ductil;
A vida sem a dor é uma comedia [inutil.
Dae-nos o girasol que aformoseia o [pégo.
Não nos tireis o cão, o cão que guia [o cégo!

MAGA

Não choreis. Para quê semelhante [clamor?
Nem tudo vos tirei. Ficou a pena ul- [triz:
A dor de comprehender que, mes- [mo sem a dor,
O homem não chegará — jamais! [— a ser feliz.

AFFONSO SCHMIDT

Cena de Cabaret

Arnaldo Mendes escreveu e ilustrou para O MALHO

...déla, sei apenas que eu lhe invejava a sorte. Nunca a tinha visto triste.

Tudo néla era elegria, juventude, felicidade.

E de tudo e para tudo, ela sorria com o sorriso de creança grande.

Um dia perguntei-lhe porque vivia tão satisfeita. Se era realmente feliz.

Ela pensou... pensou profundamente, depois tentou responder... mas não poude...

Vi então nos seus olhos brilhantes, alguma coisa que depois lhe escorregou pela face carminada...

...e depois dêste dia nunca mais a vi sorrindo...

Gente de Theatro

OSCAR ARRUDA

(Impressões de um espectador que paga a sua entrada)

JAYME COSTA — O andarilho do Theatro Nacional.

ITALIA FAUSTA — Uma tragedia permanente, e um eterno "grand-guignol".

JOÃO BARBOSA — Sua Exc. o Embaixador reconhecido, do Theatro Antigo.

MANOEL DURÃES — Um comediante com o privilegio das risadinhas em falsête.

JOÃO DE DEUS — Avião usado, que não consegue levantar vôo para a cubiçada Ilha da Celebridade.

ITALA FERREIRA — Quindim, de taboleiro de bahiana.

SARAH NOBRE — Uma boia luminosa no perigoso Mar da Revista Theatral.

AFFONSO STUART — Um joven que foi sorteado para o Circo, concluiu o tempo, e, com saudades, sentou praça no Theatro.

SALVADOR PAOLI — Um tenor que possue blócos de neve na voz.

J. FIGUEIREDO — "Charge" do homem portuguez, no Brasil.

OLGA NAVARRO — Um nariz petulante e sympathico que foi viver no Theatro.

JUVENAL FONTES — Almanach alegre de coisas da roça, lido nos palcos do Rio.

AUGUSTO CALHEIROS — O Norte do Brasil, cantando para a Capital.

REGINA MAURA — Uma joven, modêlo de casa de modas, contractada pelo Theatro.

HORTENSIA SANTOS — Gatinha Angora, pertencente a familia abastada.

TEIXEIRA PINTO — Um caixeiro, que, de repente, se arvorou em patrão.

APOLLONIA PINTO — Reliquia do Velho Theatro.

APOLLO CORREIA — Feijão manteiga em pensão familiar.

CONCHITA DE MORAES — Autora de um livro imaginario: "Manual da Perfeita Sogra".

DULCINA DE MORAES — Uma chapa photographica de que já se obteve a "revelação".

OTTILIA AMORIM — Uma actriz "creada" pelos santos "S. José" e "S. Pedro", e. adorada por "São Paulo"

MANOELINO TEIXEIRA — Galeria Cosmopolita de Typos Burlescos.

AUGUSTO ANNIBAL — Côco babassú, com cara de gente, em cima de um barril.

FRANCISCO PEZZI — Um homem que quer ir para a Rua da "Harmonia", e toma sempre o bonde errado.

MESQUITINHA — Um canniço pescando a Graça na Enseada da Popularidade.

OSCARITO BRENNIER — Garoto precoce, convencido de que o Theatro é um papagaio... de papel.

MARGARIDA MAX — Uma cantora que teve um curto-circuito na garganta.

GILDA DE ABREU — Passarinho cantador, em viagem de "recreio"

VICENTE CELESTINO — Um homem que foi cantar na Serra dos "Agudos", e voltou tenor.

GENÉSIO ARRUDA — O Estado de São Paulo, vestido de caipira.

CALAZANS (Jararáca) — Um homem que foi buscar miudesas no Sertão, para "fazer negocio" na Capital.

OLAVO DE BARROS — Um ensaiador que adoptou o mesmo lemma de Light and Power: "Força e Energia!"

PROCOPIO FERREIRA — O actor que "descobriu a Comedia"... por olfacto.

M. PINTO — Um empresario que despresou o "Ideal"

PALITOS — Automovel argentino, disputando o pareo da Comicidade na pista do Theatro Brasileiro.

S. José, na famosa gravura "A Santa Familia", de Goetzius, obra do XVI seculo.

O Esposo da Virgem

(Especial para O MALHO)

Por ASSIS MEMORIA

PASSA, a 19 deste, a commemoração do popular São José, esposo da Virgem Santissima.

Apesar de humilde carpinteiro da biblica cidadezinha de Nazareth, foi escolhido para a altissima honra de esposar Maria, destinada, desde o eterno, para Mãe de Jesus e corredemptora da Humanidade. José procedia da real familia de David. Nunca, porém, fez garbo da sua ascendencia aristocratica. Pobre, vivendo como simples operario, a sua preoccupação era crescer pelas virtudes e não por exterioridades ephemeras, ou brilhos fugazes. A Virgem vivia no templo de Jerusalem, entregue ao estudo das Escripturas, aos trabalhos domesticos e á prece. Era a mais formosa das filhas de Israel e era, por igual, a mais modesta e despretenciosa de todas. Não pensava em tomar estado e só o fez, inspirada pelo Alto. Não procurou, porém, partido entre os mancebos ricos e brilhantes do seu tempo, mas elegeu por marido o mais commum dos mortaes: o honrado carpinteiro.

Casando-se, foram viver, obscuramente, em Nazareth, na simplicidade de uma officina. Foi ali que o mensageiro divino procurou e lhe communicou a embaixada do Eterno: "Avè cheia de graça, o Senhor é comtigo!"

Annunciando-lhe que havia de ser a progenitora do Messias, promettido por Deus e vaticinado pelos prophetas, desde seculos, o anjo explicou á Senhora o mysterio, que envolveria o facto extraordinario. Nascido Jesus, em Belem, continuavam a viver os esposos na mesma simplicidade. O Menino — rezam as Letras Santas — crescia em graça, sabedoria e bondade, Maria era a exemplar mãe de familia e José, a providencia viva da casa. Constituiam — firmou, eloquentemente, um notavel orador sacro — "uma verdadeira Trindade da terra".

Vida accidentada, entretanto, a destas tres creaturas privilegiadas! Logo depois de vir ao mundo para o salvar, Jesus soffre a perseguição de Herodes. E' preciso fugir para a Africa longinqua e ardente. José, com animo viril, toma o Menino e foge. Mais tarde — Jesus tinha doze annos — a creança perde-se em Jerusalem. José e a Virgem, numa afflição mortal, procuram o filho durante tres dias, tres dias que continham o martyrio de tres seculos. Encontram-no em o templo, discutindo a Lei com os doutores e rabinos. Retomam á casinha de Nazareth onde — assignalam os Evangelhos — Jesus vivia obediente aos paes. A existencia de José, o puro, é um ensinamento de amor ao trabalho e de devotamento ao dever: era uma vida patriarchal. Conhecendo, por inspiração o seu grandioso papel na missão messianica, que Deus lhe confiara, desempenhou o seu mandato honroso com o maximo ardor. Por outro lado, a caridade que o distinguia fez do santo varão o mais querido operario de Nazareth e arredores. A sua casa era o asylo dos pobres, o refugio dos pequeninos Morreu muito antes de Jesus começar a sua carreira apostolica, a sua brilhante jornada evangelica. Contam velhissimas tradições que elle, o carpinteiro modesto, teve mesmo a ventura sem par de morrer nos braços de Jesus, entre as lagrimas de Maria.

Considerado pela Egreja um dos maiores santos, pela missão de que foi incumbido e pelos predicados que o ornavam, São José popularizou-se como o patrono dos operarios, como o anjo tutelar de quantos, na realidade, ganham, na labuta quotidiana e anonyma, o "pão com o suor do rosto".

O mundo em revista

NOVA LINHA DE TRANSPORTE AEREO — Depois de dois annos de ingentes esforços a Lufthansa de Berlim inaugurou, a 6 de janeiro, uma nova linha de navegação aerea para o intercambio commercial entre a Allemanha e a Argentina. Os aviões que fazem esse serviço são lançados ao ar por meio de catapultas, que têm 106 pés de comprimento e a impulsão de 15.000 cavallos-vapor. Esta photographia mostra-nos um avião Lufthansa prestes a ser lançado no espaço de bordo de um fretador.

CONFLICTOS EM NEW YORK — Duas mil pessoas reuniram-se deante do Consulado da Austria, em New York, afim de protestarem contra a politica do chanceller Dollfuss a respeito dos socialistas. Houve um momento de panico quando os agitadores tentaram invadir o Consulado. A Policia entrou em acção, manejando a torto e a direito os seus pesados *cassetêtes*. Muitas mulheres desmaiaram e cahiram na calçada. Aqui têm os leitores uma copia fiel da triste occorrencia.

NOVO EMBAIXADOR — Hiroshi Saito, que acaba de ser nomeado Embaixador do Japão junto ao governo da America do Norte, em Washington. É uma das figuras de maior destaque entre os estadistas nipponicos.

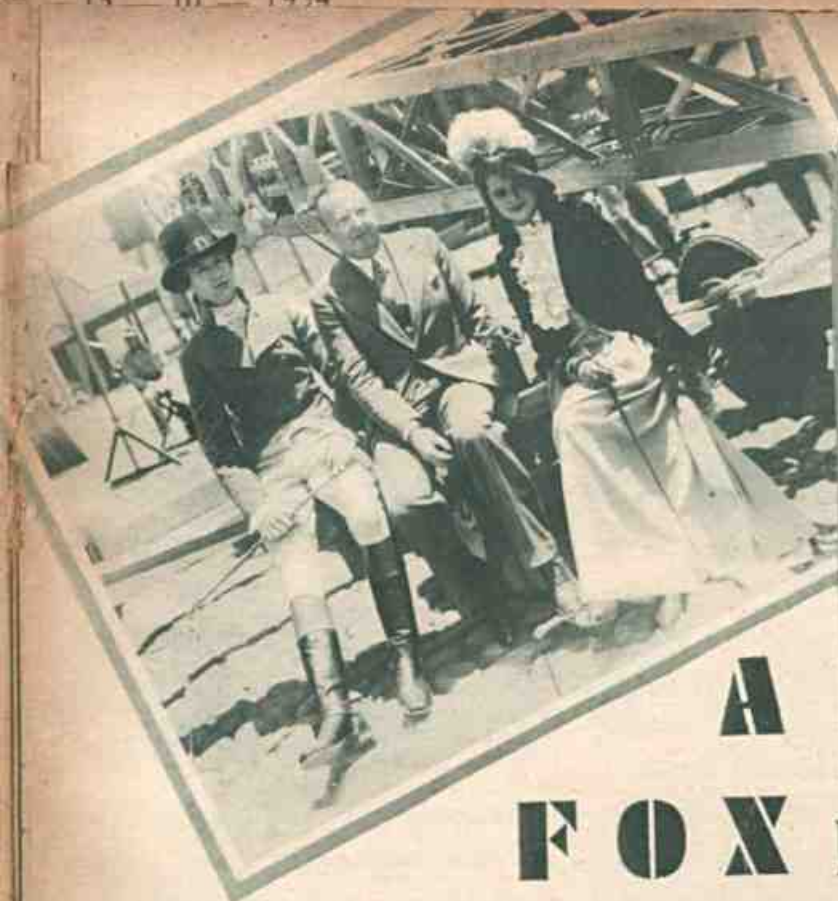
NO MEIO DO OURO — A velha praxe de avaliar os bens existentes na Casa da Moeda dos Estados Unidos foi confiada, este anno, á Sra. Nellie Taylor Ross, esposa do actual director daquelle estabelecimento e que se vê na photo pesando moedas recentemente cunhadas.

OUTRO CYCLOPE DO AR — Este gigantesco aeroplano, o maior da America, breve cruzará o Oceano Atlantico para inaugurar uma nova linha de transportes aereos. E' o "Sikorsky S-42", que tem capacidade para levar 32 passageiros e mil libras de carga postal.

MINAS RUSTICA E FRUGAL

A photographia é uma arte, não das mais simples, nem das menos bellas. Para nos convencermos disto, basta ver os dois aspectos acima, apanhados por Elpidio, photographo de Bello Horizonte. São flagrantes caracteristicos da vida do Norte de Minas: apresenta o primeiro um immigrante cearense, preparando o seu almoço. O fundo é uma bella paizagem fluvial. O ultimo mostra uma tropa na hora da partida e tem como fundo uma pequena cidade do interior.

"DELIRIO DE HOLLYWOOD" E DELIRIO DE AMOR...

MAIS um romance feérico tão do gosto do publico de hoje muito prático e realista mas, na verdade, romantico como o do seculo passado e o de todos os tempos, esse **Delirio de Hollywood** que a Metro oferece á população cinematografica do Rio, no Palacio Teatro. Os principaes são Marion Davies que andava saudosa da féerie, Bing Crosby e Fifi d'Orsay, no filme, respectivamente Sylvia Bruce, Bill Williams e Lili Yvonne, a primeira a candidata á felicidade, os dois outros um casal precario, construido ao acaso e que um amor persistente destróe para bem de todos tres... Bill e Lili contratados, vão fazer revistas em Hollywood. Sylvia, sentimental, apaixonada atravez do rádio pela voz de Bill e depois por Bill em pessôa segue tambem como creada de Lili. Em Hollywood persegue Bill, faz-se extra e tudo encaminha para substituir Lili na revista e no coração de Bill... Não é novo, nem original? Que importa? Mas ha humor, beleza, emoção, graça, esplendor... que a revista é como aquellas que Hollywood nos manda, cheia de idéas, musica, dansa e estonteamento espetaculares...

A FOX EM 1934

POUCA gente conhece Jesse L. Lasky, o celebre director que tem dado à cinematografia o melhor do seu talento. Ei-lo aqui entre Leslie Howard e Heather Augel em um momento de repouso da filmagem de **Um romance antigo** uma das mais belas promessas da Fox para a temporada que vem de iniciar no Alhambra com exito sem egual com **Ver e amar** por Janet Gaynor e Warner Baxter.

O retrato ao lado é de Rochelle Hudson uma das carinhas novas e encantadoras de sedução da Fox no anno corrente.

A Semana Santa nos Cinemas

O MARTYR DO CALVARIO o famoso drama sacro de Eduardo Garrido acabou por ceder o logar aos filmes que revivem a tragedia do Gólgota sob aspectos mais artisticos e egualmente emocionantes. Para a Semana Santa já estão sendo annunciados pela Paramount **Filha de Maria** com Dorothea Wieck, a já famosa descoberta dos ultimos tempos na protagonista, filme de larga emoção e pela Universal **A tortura da fé** com Gustav Froelich e Charlotte Suza, verdadeiro poema religioso. São dois monumentos de arte.

A SENTINELLA

A paizagem dos Karpathos, imponente e mystica, como a alma romantica da Polonia.

CREAÇÃO dos tempos immemoriaes, quando os primitivos slavos se deslocaram da Asia Central, acossados pelas hordas dos Mongoes e dos Tartaros, a alma poloneza aflorou além dos Montes Karpathos, nas vastas planicies, que se estendem pelo Vistula, até as plagas do Mar Baltico. O historiador Jornandes, que viveu no seculo XI, fala da existencia dos slavos, como sendo conhecidos desde o anno 375.

No seculo V, Lech fez construir a villa de Gneza, instituindo assim os primeiros fundamentos da primitiva Polonia, de onde deveria sahir a famosa dynastia dos Piasts. No ultimo quartel do seculo X, quando surgiu o primeiro monarcha historico da Polonia, os russos, os servios, os bulgaros, as multidões dos slavos dispersos, guerreavam nas terras do Mar Adriatico, do Elba, de Dneiper e do Mar Baltico, desorientados pelos constantes assaltos das tribus nomades. Rulhière distinguiu os polonezes, como o povo essencialmente forte, que se sobresahiu entre os slavos, pela resistencia civilisadora contra os Hunos e os Vandalos.

Nos annos 960 a 992, appareceu no planalto da Transylvania, o chefe Mieszko, sob cujo governo se submetteram as numerosas tribus polonezas. Se a figura de Lech surge como a do fundador da Polonia immemorial, Mieszko é considerado o primeiro monarcha historico da nação, o soberano que transformou a vida gregaria em organização social, em verdadeira sociedade politica.

Casando-se com a princeza tcheca Dubrawka, creou o Estado e, adherindo ao christianismo de Roma, introduziu a Polonia no seio da civilização occidental, dando-lhe a primeira estructura da sua nacionalidade politica na Europa. Janski considerava o povo polonez como o guia dos slavos, na senda regeneradora do progresso. Malte Brun nos indica, que o nome POLONIA, quer dizer no sentido original uma PLANICIE.

Assim claramente definida, comprehende-se por que o seu destino historico, cavalheiresco e heroico, se compõe de lutas incessantes, contra os guerreiros furiosos da Asia e da Germania.

Aberta ás investidas do Oriente, collocada entre os Cossacos e os Teutões, o povo polonez se transfigurou na sentinella latina da Europa, em cuja defesa cahiu desmembrada pela partilha de 1795.

Em todos os povos, através da fusão sangrenta das raças, ha cantos de eternos heroismos, que sempre relembrarão a infancia da humanidade. Na historia da Polonia, porém, vibra alguma cousa de mais profundo, do que as exaltações de guerra e os arroubos raciaes, que é a vocação espiritual de uma nacionalidade, fadada aos grandes movimentos da alma.

Situado entre o Occidente e Oriente, o povo dos Jagellões repellia os Barbaros, ao mesmo tempo que de Roma e de Constantinopla lhe vinham as artes, as idéas, os principios sociaes, as sciencias, os cultos, do quaes colheu a ins-

As estatuas de Mieczyslaw I e Boleslaw I, reis symbolicos da Polonia, na Cathedral de Posnam.

piração do seu amor perenne pela liberdade. Nas suas antigas fronteiras, se divisava um fosso tradicional, que distinguia as terras do rei Mieszko, dos limites instaveis do Imperio Romano. A sabedoria popular do Vistula, instituia o homem livre que não póde ser guiado, nem governado, senão pelo seu destino. Houve uma idade pantheistica, em que os fidalgos se reuniam em plena natureza e, montados a cavallo, improvisavam as suas assembléas politicas, sem que nenhum monarcha absoluto ousasse apparecer, para lhes cercear o sentimento, a acção e o pensamento.

Igreja de madeira, em Grzawa, districto de Pszczyno.

DA CIVILISAÇÃO

Por DE MATTOS PINTO

(ESPECIAL PARA *O MALHO*)

Altivo e sonhador no seu corcel, o cavalleiro polonez sahia ao encontro dos Vandalos, levando na ponta da espada, o coração fremente do mundo latino.

O "Lazienki", celebre palacio de Varsovia.

Cracovia, no seculo XVIII, conforme o quadro de Canaletto.

Par de França, num discurso commovente, Victor Hugo evocou a grandeza da Polonia, na alma da humanidade.

"Duas nações estre todas, manifestou-se Hugo, depois de quatro seculos, representam na civilisação européa, um papel desinteressado: — essas duas nações são a França e a Polonia.

A França dissipava as trevas, a Polonia repellia a barbaria.

A França diffundia as idéas, a Polonia protegia a fronteira. O povo francez foi o missionario da civilisação na Europa, o povo polonez foi o cavalleiro.

Se o povo polonez não tivesse executado a sua obra, o povo francez não teria terminado a sua.

Em certo dia, em certa hora, deante de uma invasão formidavel, a Polonia teve Sobieski, como a Grecia teve Leonidas".

"A Defesa do Castello" — Quadro de A. Grottger, evocando o patriotismo immortal da Polonia, através dos seculos.

Como se estivesse preservado pelo ar livre do planalto da Transylvania, o espirito polonez desconheceu as trevas espessas da Idade-Media, com que o feudalismo annuviou os costumes da Europa.

Leal, indomita, cavalheiresca mas rebelde ás dominações, guerreira mas espiritual, consciente e emotiva, lutadora mas romanesca, a Polonia é a flor do genio slavo, illuminado pelo sonho latino.

Resuscitando do seu captiveiro secular, com a guerra mundial de 1914, a Polonia proclamou a sua immortalidade historica.

No circulo, Mossoró quando, o anno passado, levantou o "Grande Premio Brasil"

Não ha muito, em Newmarket, *(Inglaterra)* pagou-se por um cavallo a somma respeitavel de 1.600:000$.

Os inglezes nunca regatearam o preço dos bons cavallos. Já era assim no XVIII° seculo. Em 1770, lord Grovesnor offereceu a importancia de uns 170:000$000 pelo famoso "Eclipse", pertencente ao capitão O'Kelly, que exigira 200:000$000. Ninguem ignora que a Inglaterra é a terra promettida do "puro sangue". Parece que os campos, acolá, são melhores para a criação dos equinos de raça. No tempo de Julio Cesar, já os potros da Grã Bretanha eram afamados. Desde o reinado de James, a Inglaterra ia aos hippodromos, principalmente aos de Croydon e de Newmarket. Nessa época, entretanto, os proprietarios de cavallos não enriqueciam. Os premios de corridas consistiam em campainhas de prata. Foi sómente sob Carlos II que se iniciou realmente na severa Albion a éra do "puro-sangue". Aquelle monarcha enviava seus cavallariços ao Oriente para adquirir ginetes e eguas das raças mais puras. A rainha Anna, Jorge I e Jorge II agiram do mesmo modo. Mas, coisa curiosa, o melhor cavallo que se viu na Inglaterra fôra comprado, não na Arabia, mas em França!

"Hyperion", o famoso cavallo inglez, que não ha muito levantou o "grande Premio Derby", nas corridas de Epsom, Inglaterra.

Em 1731, o bey de Tunis presenteara Luiz XV com um magnifico cavallo arabe. O soberano, porém não apreciou devidamente a dadiva, e o animal foi vendido a vil preço. Um inglez, pouco depois vendo o corcel, comprou-o e vendeu-o por 25 guinéos a lord Godolphim, que era um grande criador. Esse equino deixou nome nos annaes do turf, tendo sido considerado o melhor potrilho do Reino Unido. No Brasil, á lista dos corredores de renome podem addir-se "Soberano", "Maestro e "Zadig", que triumpharam em nosso prado, ha uma vintena d'annos, e "Mossoró", a gloria do "haras" brasileiro de nossos dias.

Rio, Paraiso da Ilusão Literaria

de Oswaldo Orico

UM velho colega dos meus tempos de Ginásio, rapaz de muito caracter e muitissimo talento, escreve-me agora do norte confessando o seu erro de haver demorado na provincia e o desejo de alçar o vôo para o Rio. Quer vir para a grande ilusão. Tem nas gavetas muitos versos para publicar; e, no espirito, muitos projetos e conquistas. Pede a minha opinião e o meu conselho.

Eu vou fazer-lhe um pouco de história.

x x x

Longe vai o tempo em que o cidadão, armado de três **ppp** negativos, **preto, pobre e pequeno,** com cinco mil reis no bolso, — á maneira do meu prezado colega e amigo, prof. Hemetério — entrava num alfaiate para talhar uma roupa de conductor de veiculos e, tempos depois, passava por êsse mesmo alfaiate com a farda de tenente-coronel professor do Colegio Militar ou o fraque de lente da Escola Normal.

Belo tempo! Essa época existiu, evidentemente.

O Rio foi a Chanaan das ilusões literarias, a cidade que acolheu e glorificou Patrocinio, Guimarães Passos, Bilac, Coelho Netto e tantos outros... No sugestivo discurso que pronunciou na Academia ao tomar posse da cadeira de Guimarães Passos, Paulo Barreto conta-nos como chegou a esta cidade o vate enamorado do **O Lenço**, o boemio adoravel que encheu de versos e dividas as mesas das confeitarias. Ele fôra despedir um amigo a bordo. Quando deu por si, o navio já havia levantado ferros. Não se avistava mais Maceió. Apresentou-se então ao comandante e narrou-lhe o seu **caso.** O velho lobo do mar nada poude fazer. Tocou o vapor para frente. Guimarães Passos entrou no Rio, por descuido, com uma laranja que adquirira na Baía para oferecer ao comandante. Nada mais. Ao saltar, verifica que a laranja é o seu unico bem. Vende-a por dois mil reis e vae a caminho de uma confeitaria. Vem a travar conhecimento então com Luiz Delfino. Recita-lhe versos, inclusive "O Lenço." O grande poeta simpatisa com êle. Aplaude-o. Mais tarde é o proprio Imperador quem o protege, acolhe e ampara. E assim, com uma laranja e um "lenço", o Guima escala o Capitolio...

x x x

Hoje ninguem se espante de que não aconteça a mesma coisa. Estamos numa Republica. E numa república nova, isto é, **sui generis.**

E' natural que tudo tenha mudado, e que até aquelas facilidades que um rapaz desprevenido encontrava no seu caminho, se tenham mudado em ferteis obstaculos. Desfez-se o carinho pela inteligencia. Ou porque as inteligencias fossem muitas, não sendo possivel prestar atenção a todas; ou porque se preferisse outra casta de gente, a verdade é que o Rio não é mais o paraiso das facilidades encantadoras, principalmente para os que se aventuram sem recursos materiaes. Não ha mais pensões de oitenta e cem mil reis, como nos nossos bons tempos de estudante. A mais barata não fica hoje por menos de duzentos sem direito a banho quente no inverno. Pobres nortistas! Aos domingos, é aquele **ajantarado** que dá mais fome á noite, enquanto as criadas se divertem nos bailes... E isto não é só aqui. E' destino das grandes cidades olhar com indiferença os martírios e desesperos dos homens. Ainda ha pouco tempo Paris ficava neutra diante dos infortunios de Paul Fort, o principe de seus poetas. Era um fáto naturalissimo a sua quasi mendicidade. Ninguem se comoveu, nem o apregoado sentimentalismo da alma latina se manifestou em beneficio do poeta desafortunado.

E' recente na Espanha o caso de Villaespesa.

As grandes cidades parecem ter a trompa acustica fechada ao apêlo das inteligências timidas. São maquinas de triturar talento. Grandes fornalhas onde se queimam as fantasias desprevenidas...

Gilberto Amado, na "Chave de Salomão" e Ribeiro Couto, no "Crime do estudante Baptista", concentram a impressão real do sofrimento e da amargura que podem torturar os moços que, sem recursos ou parentesco proximo com ministros, se atrevem a pleitear do Estado um emprego modesto. Para esses estão fechadas todas as portas: abrem-se apenas as hostilidades e crescem os obstaculos. Quem póde pedir um bom logar, não pede para o extranho que lhe aparece implorando protecção. Se é bom pae, pede, pelo filho; se é bom sogro, garante o genro.

O Rio é mesmo o paraiso para estes. Creio que a maior vitória que se póde conseguir, hoje, não é a de um bom pae; é a de um bom sogro. Um sogro interventor, um sogro ministro é mais do que a Chanaan: — é a Assembléa Constituinte; um bom cartorio ou uma bôa situação na reforma da Assistência Publica.

E' por isso que, evocando as bemaventuranças do Rio antigo, de empregos faceis e de fortunas honestas, grande compaixão nos move a falar dos humildes, dos rapazes de talento que recuam, que esmorecem, que naufragam, que fogem, porque não nasceram com parentes nas Secretarias e porque — coitados! — têm de sacrificar a inteligência e a saúde no serviço da folha que não paga e dos politicos que dizem: "Apareça amanhã..."

Mãos abençoadas...

— **Puxa! Que é aquillo ?!**
— **E' o pessoal do Integralismo...**
— **Eu pensei que fosse o pessoal do "Untisal"...**

Belle Didjah, Dançarina do Seculo

Belle Didjah em "pose" para o afamado esculptor Mark Friedman, de Nova York.

MEU conhecimento com Belle Didjah — aquella lourinha de corpo harmonioso e olhar de santa, que se orgulha de ter sido a primeira americana a dansar na Palestina — deu-se ao fim da representação de "The Romance of a People".

Quando toda a enorme massa de espectadores, calculada em trinta mil pessoas, escôava-se pelas cincoenta portas do grandioso amphitheatro onde se levara a effeito a maior representação scenica dos annaes de Nova York, o meu collega Herman Ehreinreich, da redação do "Forward", apresentou-me a Belle Didjah, que vinha vindo cansada.

— Sinto-me pesada, pesadissima, embora seja tão leve... — foi-me dizendo, num muchocho.

Ella havia dansado, ainda ha pouco, a "Young Chassid", surgindo sózinha, entre poderosos fócos de luz, no mesmo palco onde seis mil pessoas se movimentavam. Branca, toda de branco, com fócos de luz branquissima a surgir do solo, dos lados, de cima, Belle Didjah, colleando o corpo em passos de garça esquiva, era, para os sessenta mil olhos ali fixos, um absoluto poema de branquidão. A musica, suavissima e terna, vinda não se sabe de onde, ampliada por todo aquelle gigantesco edificio que jamais sonhara, algum dia, em servir de theatro, era como que uma melodia cantada no céo. Tudo era silencio em torno. Nem um zumbido, nem um vozear, nem uma klaxon ao longe. Tudo era silencio... E ella dansava. Dansava num poema de luzes, porque luz era sózinha, branca como a brancas das mais brancas. Ora era uma perna que se levantava. Ora era a mão. Ora era ella mesma, toda, inteira, completa, a girar no espaço como se nem as pontas dos pés tocassem o solo, numa vertigem, num delirio de amplidão, num desejo incontido de se desprender da terra e ganhar os céos.

Quando findou, e a musica, aos poucos, veiu silenciando, silenciando aquelle canto divino, uma salva de palmas, unisona, se elevou nos ares, perdurou por alguns minutos, echoou no espaço por longo tempo, para, segundos depois, novamente voltar, mais forte, mais vibrante, mais violentamente, porque era Belle Didjah que reaparecia no palco, pequenina como uma ave a fitar a amplidão...

* * *

FOI assim que eu conheci Belle Didjah. Ao me ser apresentada, era-me como que já uma amiga de longa data. Não tinha a imponencia fatua de certas "estrellas", nem a soberbia das cantoras de dó-menor. Lembrava-me, pelo rosto, pelos cabellos, pelos olhos —, lembrava-me Mary Pickford. E physicamente — essas professorinhas de escola publica, muito franzinas, muito simples, muito amedrontadas...

Na rua, o frio enregelava. Um ventozinho cortante, daquelles que prenunciam um inverno rigoroso, soprava cantando symphonias em meia duzia de arvores das ruas. O transito era immenso, com automoveis e gritos de policiaes pedindo cuidado. Os homens e as mulheres passavam encapuzados, e as creanças tiritando de frio e mocidade. Alguem cumprimentou o meu collega do jornal. Ouvi commentarios á passagem de Belle. E dobramos uma esquina. E depois outra. E mais outra. Até que encontramos o carro da dansarina. Sentamos e viemos rumo á cidade.

* * *

BELLE DIDJAH nasceu nas terras dos arranha-céos, mas tem a alma sempre voltada para o Oriente. Foi das margens sagradas do Jordão que vieram os seus paes e é para os sagrados Templos de Jeovah que ella tem o olhar voltado. Em Jerusalem conseguiu o maior successo de sua vida e é de assumptos que nos lembram os areaes e as

cavalgadas nomades que ella enche o seu repertorio.

A Palestina jamais conhecera uma americana. E ella fôra a primeira americana a visitar a Palestina e dansar em seu veneravel ambiente "A Girl of Subway" ou "Impressions of New York", uma e outra a estylisação da vida maluca da America, com o seu movimento, suas diversões, seu "chiclet" na bocca de todos os mortaes...

Perguntei a Belle Didjah o que mais a impressionou na Terra Santa. E ella me respondeu, encantada, com os olhos longe, como que a ver tudo ainda:

— Os beduinos...

— Os beduinos? — repliquei assombrado.

E ella, então, contou-me, sorrindo doce:

Por ADOLFO AIZEN

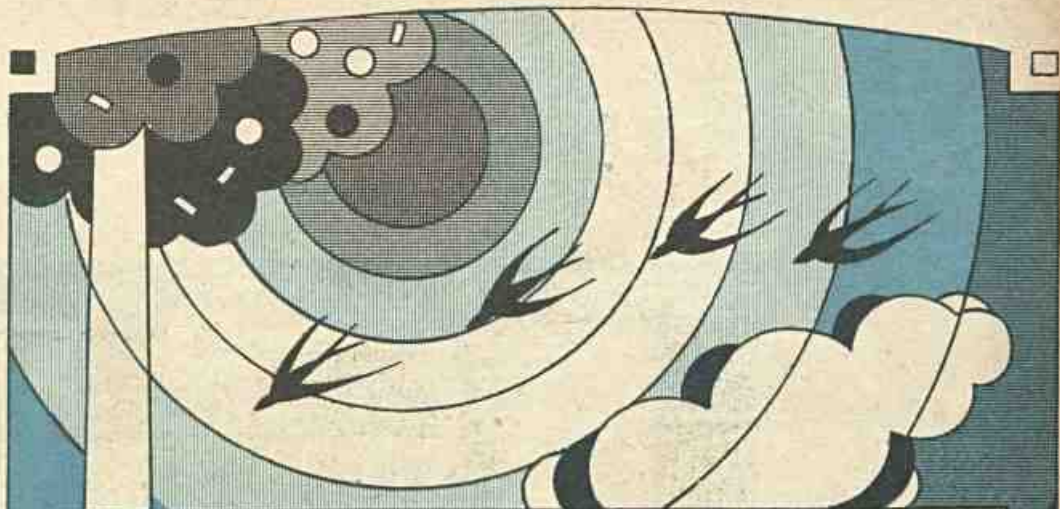
(ESPECIAL PARA O MALHO)

— Certa tarde, no Hotel de Tel-Aviv, recebi uma noticia curiosa: na manhã seguinte, vinda dos areaes infindos, chegaria á cidade, com o fim de me convidar para uma visita aos seus acampamentos, uma caravana de beduinos... Desejavam que eu dansasse — que eu dansasse sob seus toldos e aos seus olhares — porque já de ha muito ouviam falar em America, do Novo Mundo — e o Novo Mundo e a America eram para elles algo de desconhecido. Accedi ao convite, pela manhã seguinte, quando vi em frente ao Hotel aquella dezena de cavalleiros de tez bronzeada e lenções alvissimos. Accedi e parti pela madrugada...

— E depois?

— E depois jamais me arrependi. Se você conhecesse a bondade dos nomades, se você conhecesse a sua vida, as suas canções e as suas dansas, você, meu caro amigo, ficaria por lá, abandonaria o mundo e a civilisação de que tanto se orgulha... Os beduinos são um povo essencialmente hospitaleiro, e, além disso, um povo de sentimentos que Hollywood torna barbaro...

MARK FRIEDMAN, um dos mais notaveis esculptores de Nova York, modela, em gesso, a figura de Belle Didjah. Ella *posa*, como um anjo, mãos espalmadas para o alto, com um roupão alvissimo a lhe cobrir as formas, mangas longas para que não lhe modelem os braços. A cabeça, levemente tombada, tem a expressão dos martyres de legenda...

Belle Didjah representa o Periodo Christão de "Religious Cycle" que o artista vem compondo. Ninguem, como ella, melhor "posaria" para a obra que passará á eternidade.

As Andorinhas despedem-se...

(A's portas das férias)

Somos aves que, dispersas,
Vamos voar e revoar
Na luz da saudade immersas,
Por terras, regiões diversas,
Com desejos de voltar...

Ao separar-nos agora,
Quasi a rir, quasi a chorar,
Ao Pae que no alto céo móra,
Peçamos, de alma sonóra,
Pela escola e pelo lar!

LEONCIO CORREIA

"Golliwog" é a mais curiosa das interpretações de Belle Didjah.

AS dansas folk-loricas do mundo inteiro são interpretadas por Belle Didjah. "Tartar" é assumpto cossaco que enthusiasma platéas. "Bar Mitzvah", para os filhos de Israel, é mais que uma dansa estylisada, porque é um symbolo. "Baba", regionalmente russo, recorda-nos a Russia das aldeias que o communismo civilisou.

"Italian Peasant Girl", vem da Italia. "Impressions of New York", vida novayorkina. "At The Arabian Bazaar", inspirado nas noites que passou nos desertos. "Mexican Folk Dance", veiu do Mexico, tão vizinho da America, mas que, pelo latinismo que encerra, nos lembra o Brasil que Belle Didjah ainda não conhece...

— Ah! Como eu desejaria conhecer o Brasil! — diz-me, a certo momento, enthusiasmada, a artista que a imprensa americana considerou, unanimemente, como a mais extraordinaria do seculo que vivemos. — O Brasil, para mim, acredite, é como a America para os beduinos...

— Se conhecesse o maxixe... o samba... — digo saudoso.

— Ha dois annos percorri a Europa e parte da Asia. 1934 me verá no Brasil e Argentina.

— Verdade?

— Verdadeirissima...

E quando eu me despedi de Belle Didjah e do seu rosto, do seu cabello e dos seus olhos de Mary Pickford, e lhe beijei as pontas dos dedos de unhas mais vermelhas que os seus labios, vinha certo, certissimo, de encontral-a ainda uma vez, não mais, porém, entre os arranha-céos de uma cidade que se saccode com oito milhões de almas, mas entre montanhas verdes que se perdem de vista e o oceano que beija uma areia bem alva...

Belle Didjah, nós aqui a esperamos. Não demore.

O cheque

João Bussili escreveu
Jocal illustrou

QUEM conheceu o Vitorio Varela, modesto mas honrado funcionario da Secretaria da Fazenda, quem o via todas as tardes tomar o bonde sempre carregado de embrulhos, — não sei si tambem de dividas,—havia de forçosamente concordar que o homem era incapaz de uma idéa extravagante mesmo que fosse politica. Morigerado, despretencioso, sempre pronto para um favor de amigo, o Vitorio era de fáto um homem modelo vivendo entre a Repartição e a sua casa; — um elegante Bangalôsinho que lhe deixára a tia Rosalia, — com dois dormitorios, salas de visitas e de jantar, um escritório que era ao mesmo tempo a sua bibliotéca, jardim na frente, bôa mobilia, ótimos estofos, emfim, tudo o que lhe podia proporcionar os seus oitocentos mil réis por mês. E si tudo isso fosse pouco, tinha tambem essa cousa béla que vale a pena ter quando si é moço e se tem bom emprego: Uma mulher bonita. A Vitoria.

Apetitósa, corpinho bem feito, cabelos ruivos, narizinho petulante, graça nas maneiras e nas palavras, era na verdade o típo ideal para o Vitorio.

Aliás, o proprio nome o indicava. Pessoalmente, porém, não creio que o nome tenha alguma influencia no destino dos conjuges.

No emtanto, quem nos pode afirmar que não foi ao saberem os seus nomes que se admiraram e se amaram? Por mim, confesso que não sei. Por aquele tempo eu não conhecia nem o Vitorio nem a Vitoria. Conheci-os já casados, quando tinham o Luizinho, um desses meninos terriveis, sempre pronto a meter o papá em tálas.

• •

Naquela tarde, o Vitorio chegou em casa mais cedo e disposto. Entrou, beijou a cara-metade e notou que estava nervosa o que si não era mau agouro, tambem não era comum.

"Então, flôr, que tem você?"

"Eu? nada!"... E os olhos humedeceram-se-lhe.

"Ora, vamos, então?

"Nada..." E saiu nervosa para a cosinha.

O Vitorio não era muito afeito a charadas e dispunha-se a dar de mão ao assunto, quando o rosto se lhe iluminou num largo sorriso. Olhou amorosamente para o filho que brincava a um canto da sala, e murmurou muito feliz:

"Talvez, quem sabe? Uma menina agóra... ficaria um casalzinho..."

Levantou-se, espreguiçou-se e foi para o escritório, desdobrou a Gazeta, leu o artigo de Medeiros de que era leitor assíduo e dispunha-se a ler o noticiario, quando a vóz de sua esposa o chamou para jantar.

Deixou o jornal, foi para o banheiro lavar as mãos, passou pelo dormitorio quando um papelucho lhe chamou a atenção. Olhou-o, pegou-o, leu-o, e passou a mão pelos cabelos, desanimado. Não podia compreender. Era um cheque contra o Banco de São Paulo, na importancia de duzentos mil réis a favor de Vitoria Varela, e o nome do sacante posto não fosse bem legivel, compreendeu que era Alvaro, talvez Faria, talvez Freitas. Deceu intrigado.

"Oh, Vitoria, que cheque é este?

"E'... eu, eu... não sei, não!" respondeu éla enquanto todo o sangue lhe subia ás faces e duas grossas lagrimas lhe apontavam aos olhos.

"Mas como veiu este cheque parar aqui? Um engano de nome trocando o o para a, seria explicavel, mas eu não tenho dinheiro algum para receber, logo..."

Nesse momento entrou Luizinho que, sem atender a nada, veiu gritando:

"Papai, hoje esteve aqui um homem e disse que vai trazer um cavalão maior que o do primo Mario!"

"Um homem? Prometeu presentes?" Ah! compreendia tudo... O infame deixára o cheque e prometêra um cavalão ao pequeno como si cavalão já não era êle, marido enganado...

Avançou para a infiel, agarrou-a pelos braços sacudindo-a brutalmente numa ancia louca de lhe bater.

"Infame!" rugiu com vóz rouca.

Nesse momento ouviu tocar a campainha e percebeu que abriam o portão de ferro que dava para a rua. Luizinho assustado, correu a abrir a porta.

"Papai, é o padrinho co'a madrinha!" E foi-lhes ao encontro tomar a benção e contar que o papai estava brigando co'a mamãi.

O casal compôs então a melhor cara possivel. Mas cara cada um tem a sua, a que Deus ou o Diabo lhe deu, e não a que quer e quando a quer. E naquele momento, Vitoria tinha a sua chorosa, e o Vitorio congestionada, livida!...

"Ora, compadre, pois logo hoje, dia do seu aniversario..." foi dizendo o recem-vindo cumprimentando-o e apertando-lhe muito as mãos.

"Pois meu aniversario, hein? Com efeito, é hoje, 13 de Agosto... E eu me havia esquecido..."

E Vitorio parecendo caír das nuvens com a surprêsa de sentir-se um ano mais velho, alegrou-se, convidou o velho amigo para jantar, e a Dona Colaquinha velha amiga da Vitoria, com a sua argucia, prevendo a borrasca, para provocar a bonança, beijava com estrepito as faces da Vitoria.

Como na casa do Vitorio havia sempre fartura, espremeram-se os pratos e o jantar que era para três serviria para os cinco. E o Lulú então que comia tão pouco...

Durante o jantar Vitorio não se cansava de ôoçar a companheira. O maldito cheque era, evidentemente, dádiva do mesmo homem que prometera um cavalão ao Lulú. Para fazê-lo calar? Estava absolutamente certo da infidelidade da esposa. Bufava congestionado, quasi apoplético. E a sua colera explodiu quando, terminado o jantar, Vitoria, a pretexto de fazer musica colocou um disco na vitrola. Era a Bydú, a divina Bydú numa aria do Barbeiro.

Sono obbediente — dolce, amorosa.
Mi lascio reggere — mi fo guidar.

Ah! a infame! era obediente, dócil, amorosa... deixava-se pegar, deixava-se guiar... Para onde? E de subito surgiu-lhe no espirito a curiosidade de saber *onde fôra*... Mas o cheque encontrado sobre um movel do dormitorio explicava claramente. Fôra alí, na sua propria cama, não havia duvida!

O compadre dizia com enthusiasmo para Dona Colaquinha ao lado, que a Bydú era a maior gloria nacional. Vitorio não se conteve. Aquéla aria era uma afronta a mais que lhe fazia a esposa adultera. Explodiu contra a intérprete.

"Uma taquara rachada é o que é! Canta, mas aqui no Brasil, nesta terra de selvagens onde só se conhece o batuque e o samba. Na Europa, tenho eu certeza, ninguem vai ouvi-la, nem de graça..."

Compreendeu o compadre a exaltação do amigo e esquecendo-se que dias antes o Vitorio ficára com as palmas inchadas de tanto batê-las á Bydú, desconversou preparando-se para sair com sua velha, pois já eram horas... Vitorio não os deteve. Antes, disse:

"Vou com vocês até o bonde. Preciso desabafar. Irra! Não posso mais!"

E foram inuteis todas palavras do amigo para que não se incomodasse. Foi. E quando os seus visitantes tomaram o omnibus, encaminhou-se para a cidade a pé, atordoado por todas as duvidas, numa ancia louca de voltar, de matar aquéla infame que lhe conspurcára o lar, que enxovalhára o nome, que o arrastára na lama...

E toda a fraseologia latrinaria dos noticiarios dos jornais lhe acudia á memoria numa galopada de sangue e de tragedia.

Estava decidido. Logo de manhanzinha, compraria um revólver, iria a casa e mataria aquéla desavergonhada.

"Não, — pensou êle. E o Lulú? Não, matar, não! Desquite. Sim, é isso mesmo. Desquito-me déla, e o menino vai comigo. E' meu filho... Meu filho? Será que..."

E completamente alucinado por mais essa duvida que o martirizava e lhe ofuscava a razão, perambulou pelas ruas até madrugada entrando depois, exangue, num lupanar onde passou a noite.

•
• •

Na manhã seguinte na Repartição enquanto trabalhava, viu chegar o menino da sua visinha. Entregou-lhe uma carta dizendo que Dona Vitoria a mandára e retirou-se depois de receber com pequena recusa, uma propina. Vitorio estava intrigado. Olhou o envelope azul um tanto amarrotado. Estava aberto. Tirou o seu conteúdo, uma carta e um bilhete. Leu este que dizia apenas o seguinte:

A carta que te mando explicará o cheque.

Vitoria.

Instintivamente sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. Desdobrou a carta e leu.

Negrinho.

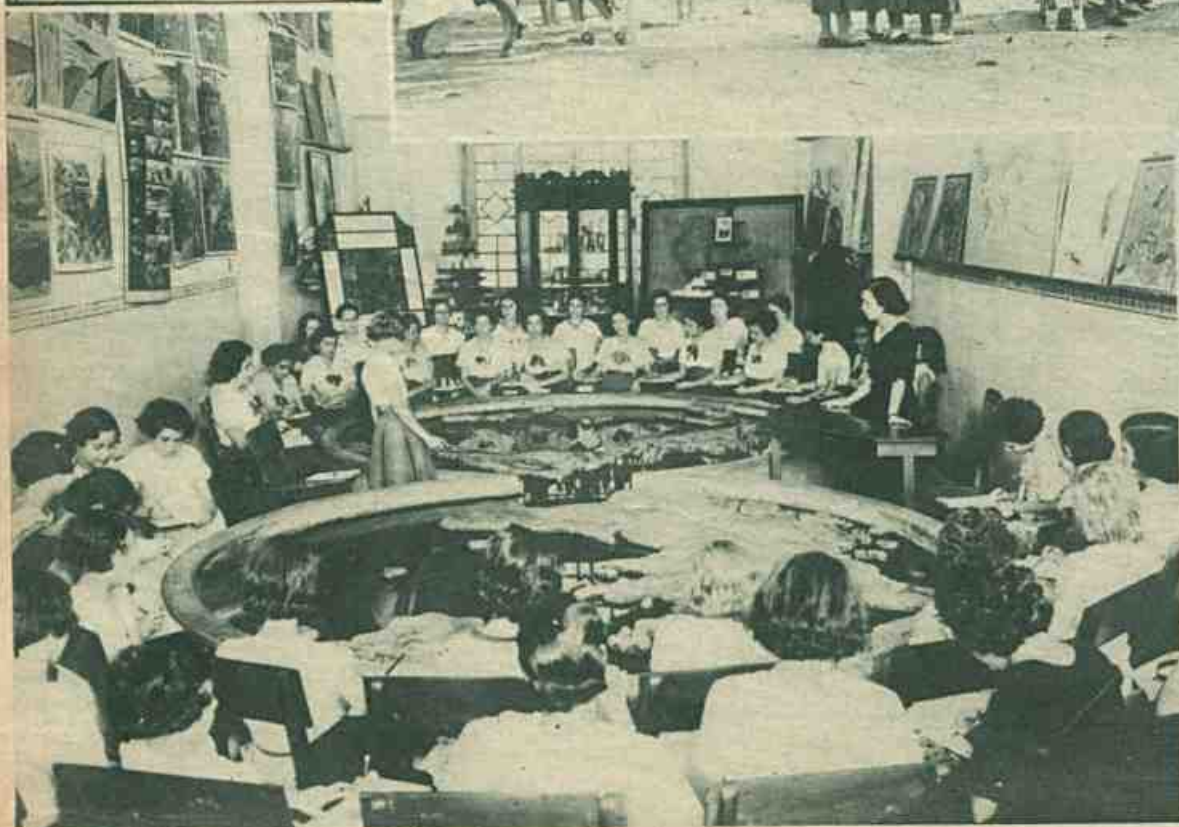
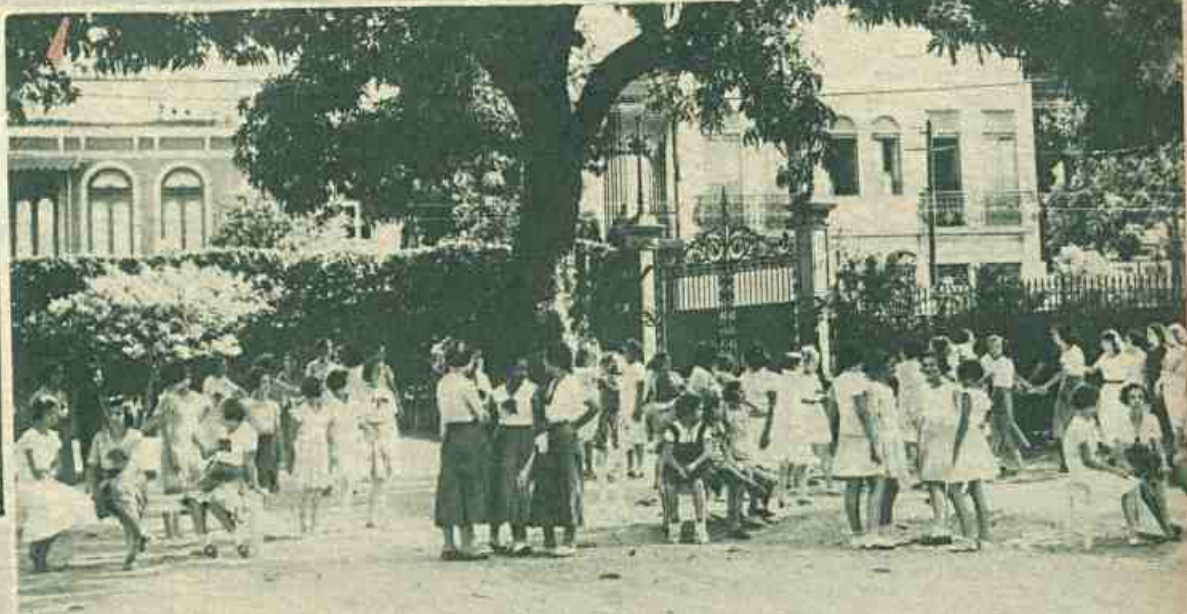
Hoje dia do teu aniversario quero dar-te um presente, mas não tenho gosto para a escolha. Vocês homens são tão dificeis de contentar... Preferi mandar-te um cheque.

Estou certa de que tua esposa não abrirá esta carta, que não te zangarás pelo cheque e comprarás um mimo pensando na tua.

Negrinha.

Ao escriturario ao lado ao perguntar-lhe si estava doente, respondeu não, talvez fosse o calor...

A vida no interior de um grande Collegio

Manhã cedo, é assim que as alumnas do Departamento feminino do Instituto Lafayette penetram nas salas da aula do grande educandario carioca.

Hora de recreio, á sombra acolhedora das grandes arvores — parenthesis de alegria despreoccupada no meio da actividade intellectual.

—o—

A aula de geographia, com os mais modernos instrumentos de ensino, é um prazer para a curiosidade do espirito sadio.

Por TAPAJÓS GOMES

Helios Sellinger "O TRABALHO

PERECERA', a arte? Será ella esmagada pelas tendencias utilitarias do homem de nossos dias?

Gosto de conviver com os artistas e de guardar suas impressões. Elles são os homens do metier, soffrem os males do momento, mas no fundo são sempre artistas. Não descreem nem desanimam.

Quando interroguei a Antonio Parreiras sobre se não receiava o futuro da sua arte, elle accudiu presurosamente:

— Não! A Arte tem atravessado periodos bem mais perigosos do que este. Lembre-se da invasão dos barbaros... lembre-se da Renascença. Ella triumphará, como sempre tem triumphado.

Georgina de Albuquerque tambem confia:

— O utilitarismo de nossos dias — disse-nos ella — poderá ter modificado um pouco a arte, mas não póde absorvel-a. O homem procurará eternamente as expressões da belleza, pela fórma, pela côr e pelo som, isto é, pela esculptura, pela pintura e pela musica. A preoccupação da arte, que nos foi transmittida desde o homem primitivo, através de objectos e de pinturas, irá comnosco e com os porvindouros, inevitavelmente, pelos seculos em fóra.

Concordando com a autora de "Saudades", Lucilio de Albuquerque accrescentou:

— De accordo. A vida moderna, por mais utilitaria que seja, não conseguirá nunca destruir essa essencia divina, que produz os Dante, os Miguel Angelo, os Beethoven e os Kipling. O cinema póde dar nova feição ao Theatro. Destruil-o, nunca!

Marques Junior respondeu á minha pergunta com outra:

— Nesta época utilitaria que atravessamos, qu'importa que os artistas sejam apparentemente postos de lado? Entre nós, graças á falta de cultura artistica do povo, o artista ainda não foi francamente chamado a collaborar. Mas não tenho a menor duvida de que já esteve mais longe a sua solicitação. Evidentemente, não falo no sentido restricto da execução de um retrato ou de um busto, mas no sentido amplo e generoso da collaboração. Penso nas artes decorativas e applicadas, na architectura, nas decorações muraes, nos monumentos publicos, em tudo, emfim, desde as modas femininas até ás grandes artes, nas industrias. Quem é que estabelece a fórma de todas as coisas, desde a insignificancia de uma penna de escrever, até á maravilha de um trem de ferro ou de um automovel nas estradas, de um transatlantico em pleno oceano e de um avião no espaço? Ha quem chame as artes applicadas de artes menores. Mas a verdade é que ninguem póde passar sem ellas. Entre nós os nossos elementos capazes estão todos esparsos. Mas haveremos de ter as nossas fabricas e elles se reunirão. Haveremos de crear a industria da ceramica artistica e os artistas que se dedicam a esse ramo de arte decorativa hão de ser chamados ao trabalho. E elles irão buscar, não só nos elementos do seculo, mas, principalmente nos proprios elementos, motivos para as suas composições e phantasias. Li, não ha muito tempo, um artigo em que se atacava o regionalismo artistico, que já não se comprehende, nesta época de transportes rapidissimos, que universalisam e internacionalisam a arte. Quando muito, admittamos a caracterisação especial de cada paiz ou de cada povo, agindo instinctivamente por força de correntes atávicas, independentemente de parti-pris, differenciando-os uns dos outros, e affirmando a personalidade de cada povo. Isso é tanto verdade que, na Exposição Internacional de Artes Decorativas, á qual compareceram varios paizes europeus, todos elles obedeciam á mesma orientação de estylo moderno, dos grandes planos e massas amplas, com ornamentação discreta, e, entretanto, eram todos perfeitamente distinctos entre si, não havendo confusão possivel entre os pavilhões da Hespanha ou da Italia, da Tcheco-Slovaquia ou da Inglaterra, da França ou da Allemanha. Apesar da preoccupação material dos tempos que correm, tenho fé inquebrantavel de que o Brasil terá tambem, e não muito longinquamente, o seu aureo periodo de florescimento.

Tambem Vicente Leite me derrama o seu optimismo:

Dakir Parreiras "MARINHA" (Santos)

ENTRE OS SONHADORES

— As artes são a linguagem pela qual se podem comprehender todos os povos do planeta. São, por assim dizer, o idioma formoso que Deus concedeu aos homens, para, numa sublime elevação de espirito, se comprehenderem mutuamente. Poder-se-á prescindir do elemento tão pratico, como sejam as artes nas suas multiplas manifestações para a approximação dos povos, maximé nos dias que correm, em que a tendencia da humanidade é para a approximação integral? Não é possivel! Passado esse periodo de verdadeiro collapso, que atravessamos, as artes proseguirão triumphalmente.

Oswaldo Teixeira, como os demais, conhece a indifferença do publico, mas não a teme.

— Acredite que muito tenho pensado nisso, procurando ver se encontro os meios capazes de produzir a reacção necessaria para a vida do pintor profissional no Brasil. Penso, por exemplo, que a propaganda que se está fazendo em favor do desenvolvimento do turismo não deve ter por fim exclusivo mostrar aos estrangeiros unicamente as nossas bellezas naturaes, isto é, as obras da Natureza brasileira. E' preciso mostrar-lhes tambem as obras dos artistas brasileiros. Não basta que elles apreciem o Pão de Assucar, que, como um frade com o seu capucho, parece viver rezando, contricto, pelos destinos do Brasil. E' preciso que elles vejam tambem que temos museus e pinacothecas. O Pão de Assucar é apenas uma fatalidade da Natureza, uma dadiva milagrosa de Deus. A arte que produzimos é fructo da nossa meditação, da nossa intelligencia e da nossa cultura. E' preciso mostral-a. Mostral-a não só para os de fóra, como para os de casa, que quasi não conhecem o que temos de bello por ahi espalhado. Sim, você mesmo já deve ter visto, muitas vezes, aos domingos, os nossos museus e pinacothecas inteiramente ás moscas, ao passo que dezenas de milhares de espectadores se comprimem nos campos de football. Ahi está por que penso que é preciso dar um sentido diverso á propaganda, que estamos fazendo do que é nosso. Estou certo de que, bem encaminhado, o publico, tanto o estrangeiro como o nosso, acabará por frequentar, com assiduidade, os nossos museus e pinacothecas, ateliers e exposições. Não é possivel prever os beneficios directos e indirectos que dahi provirão para as artes e para os artistas brasileiros.

O que se sente através de toda essa serie de opiniões que ahi ficam registradas, é que, nenhum dos nossos artistas considera irremediavel a crise que atravessamos. E' apenas uma crise. Remedios não lhe faltam. No minimo, o proprio tempo se encarregará de conjugal-a, porque a arte é companheira do homem. Como a luz e como o ar, é indispensavel á sua vida.

Não me esquecerei jamais das palavras que, a esse proposito, ouvi de André Vento, o meu querido e inolvidavel amigo, em cujo convivio colhi sempre tão fortes e tão duradouras impressões para a minha sensibilidade.

André Vento lutou sempre como lutam os herões, soffreu, como soffrem os sonhadores. Viveu artista e morreu artista. Quando, porventura, se sentia desanimado, tomava do pincel, chamava o modelo e era na propria arte que encontrava lenitivo para o seu espirito.

André Vento conversou um dia commigo sobre a situação dolorosa das artes e dos artistas. E eu ouvi de seus labios estas palavras luminosas:

— Não ha razão para desanimos nem temores. A arte nem por isso perecerá, porque, em todos os tempos, foi ella que sempre definiu a civilização dos povos. Ora, se a civilização de um povo se mede pelo progresso da arte que cultúa, claro está que não é concebivel a idéa de ver a civilização destruir a arte. Se arte é civilização — civilização é a inspiração de todos os povos. Por que, pois, temer a crise que atravessamos? Se ella é uma calamidade, ha de passar, como passam todas as calamidades. Assim, ainda mais evidente se torna a necessidade da actuação do artista, como operario do Bello, cuja missão, abrindo a alma do povo para a comprehensão da Belleza, é muito mais elevada e muito mais nobre do que póde parecer.

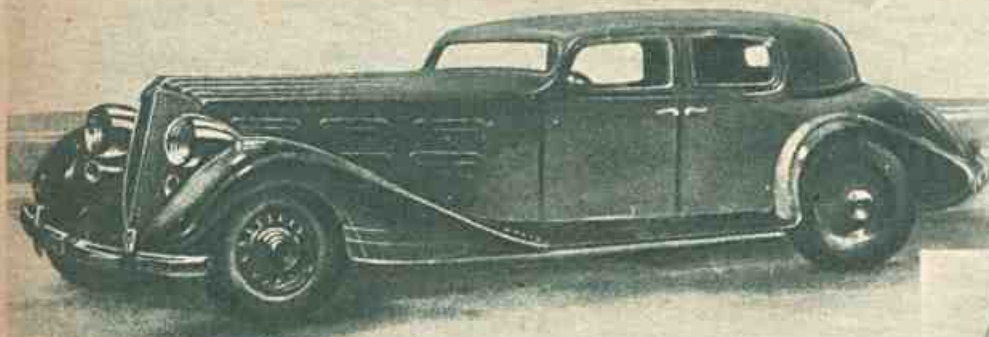
A arte não perecerá. Lembremo-nos da invasão dos barbaros — disse Parreiras. — Pensemos, com Georgina de Albuquerque, que o homem procurará, eternamente, as expressões da Belleza, pela fórma, pelo som e pela côr. Nada destruirá essa essencia divina que produz os Miguel Angelo e os Beethoven — pensa Lucillo de Albuquerque. — Apesar da preoccupação material dos dias que passam, o Brasil terá tambem o seu periodo de florescimento. Assim julga Marques Junior. A arte é a linguagem pela qual todos os povos se comprehendem. São palavras de Vicente Leite, que Oswaldo Teixeira confirma, quando diz: — E' fructo da meditação, da cultura e da intelligencia. Emfim, se arte é civilização — disse André Vento — ninguem concebe a civilização destruindo a Arte. Seria destruir a Belleza.

A arte não perecerá!

Manoel Santiago

"ESTUDO"

Croquis para o painel decorativo do Instituto Nacional de Musica, "As 7 Notas", de Antonio Parreiras.

AUTOMOVEIS EXCENTRICOS

Este automovel poderia ter este nome: "Modelo cachorro japonez"

As photographias de automoveis que aqui vemos são modelo de carros recentemente apparecidos na America do Norte.

Com as suas curvas e linhas quebradas, elles apresentam uma apparencia curiosa que tem a sua belleza: pelo menos, a belleza da novidade.

Qual delles desejaria o leitor, se tivesse de escolher?

O que se assemelha a um *tank?* o que tem a apparencia de um carro feito para affrontar temporaes e bandidos armados de metralhadoras? Ou aquelle outro, longo esbelto, semelhante a um cachorro japonez — aquelle cão de patas curtissimas e de corpo longuissimo?

Este modelo parece fabricado especialmente para a terra onde os bandidos surgem de cada canto de rua, com metralhadoras e revolveres.

"Tank?" Não, uma elegante baratinha de passeio.

SENHORITA...

Os ultimos dias de Fevereiro, de temperatura amena, deram-nos esperança de que o estío começasse a abandonar-nos, o calôr sufocante passando já para a serie do que nos castigou mas que se foi não nos importunando mais nem a lembrança.

Coisas que se esquecem...

Se êle não voltar a visitar-nos será bom.

Agora ninguem mais se importa de novos vestidos de verão.

Os que fizemos vestimos.

Os que pretendemos fazer trarão o sabôr especial da novidade. Variamos de vestidos, de chapeus, de sapatos a cada estação nova. E' por isso que "toujours femme varie"... dando lugar a que digam que a variedade, em cada ente humano, nem só se atém á mudança de roupa.

A' tarde a parisiense aconselha os vestidos inteiros de crêpe setim preto — tardes de temperatura doce —, ou de "moire" ou de veludo fino. O marinho e o castanho formam, juntamente com o preto, os tons de predileção. Aclarados, todavia, com um detalhe em "lingerie": "piqué" ou tule plissado, tule "soutaché" ou bordado, rendas de Malines ou d'Alençon preparadas em "jabots", coletes, gravatas, nós, beira de bolsos, á volta da gola, nos punhos das mangas.

As saias, no caso referido, alongam-se até o tornozêlo, porque se trata de "toilette" tambem apropriada a jantar.

Alguns detalhes de Paris sobre a moda de meia estação — Senhora e Senhorita...

SORCIÈRE

VESTIDOS PARA DE TARDE

No de cima, de crêpe côr de vinho, enfeite de plumas brancas. Nas figuras em pé: costume de crêpe verde garrafa; vestido azul forte guarnecido de plissados de organdi branco; vestido vermelho lacre e laços de fita branca. Veludo preto e guarnições azul eletrico, na figura sentada bem cá em baixo.

DE TUDO UM POUCO

NOTA CINEMATICA

Rita Galo, de Metro Goldwyn Mayer, traçou os seguintes, perfis para o ano que corre:

— O perfil em 1934 não se parecerá absolutamente com o do 1933.

— Os jovens aspirantes á fama cinematografica terão, por conseguinte, que seguir a norma estabelecida agora.

— Nem todos os galãs da téla terão o perfil do Wallace Beery — (felizmente) —, nem o tipo ideal será o que se vê em anuncio de colarinhos, o que, aliás, venceu dois ou tres anos atraz.

— No ano passado houve preferencia pelo perfil "Barrymore"; hoje é o queixo de Clark Gable, com aquéla covinha, a boca de Robert Montgomery.

— Quanto ao nariz, desde que não chegue ás dimensões do de Jimmy Durante nem se pareça com o de John Barrymore, serve.

— Fronte mediana como a de John Gilbert.

——

O "astro" feminino precisa possuir o nariz de Marion Davis ou de Constance Bennett, o queixo de Joan Crawford, a boca de Lupe Velez — nem muito grande nem muito pequena, boca movel, com elasticidade; olhos azues, pardos ou cinzentos, de tamanho medio — olhos como os de Madge Evans, por exemplo; a fronte de Greta Garbo.

——

Um "cocktail" de traços — eis o tipo da moda para as producções de cinema em 1934.

Eddie Cantor — da United Artists — pinta-se de preto, em "Roman Scandals", conseguindo, assim o convivio das lourinhas que o carnaval ultimo elegeu rainhas.

NOTICIAS DE LONGE

FUNERAIS DE AMOR

O destino é caprichoso. Ei-lo a colaborar bonissimo na aspiração de uns; ei-lo contrariando o desejo de outros.

Em Bellume êle preparou uma "causa mortis" pela sincope cardiaca com requintes de maldade: eliminou, em plena noitada de dansa horas antes do casamento, o proprio noivo, mudando, assim, no dia seguinte, a alegria dos sinos pelo dobrado do funeral.

E a noiva chorou lagrimas de pesar em vez das de alegria com que sonhára.

IDILIO

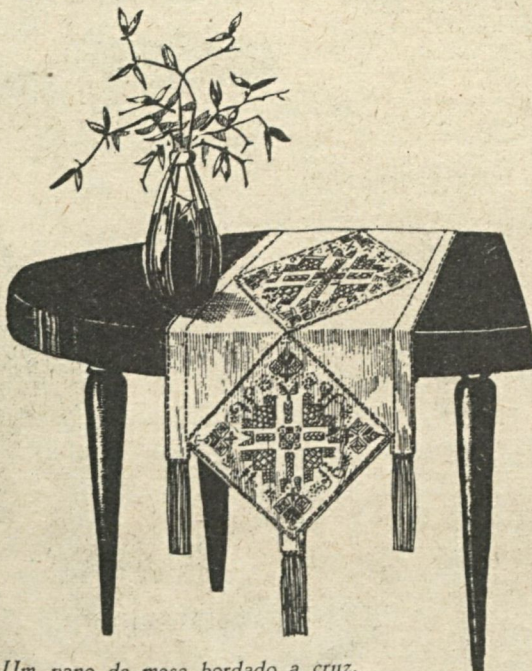
(*Adelaide de Castro Alves Guimarães*)
(Do livro — O IMORTAL)

"Amor não é palavra... amor é melodia..."
Castro Alves

E as duas almas pelo azul etéreo,
Como flócos de nuvem luminosa,
Como flores do páramo sidéreo,
Seguiam á luz da lua carinhosa...

Um que de indefinido, um que de aéreo,
Celeste encantamento, ânsia ditosa,
Brando perfume de subtil mystério,
Envolvia-os na teia vaporosa!...

Abrigados no lúcido velário,
Seguiam como pombos arrulando
Ternuras de recóndito sacrário...

Seguiam — como passáros cantando —
Do amor o deleitoso itinerário,
Do sonho a realidade demandando!...

Um pano de mesa bordado a cruz, em côres.

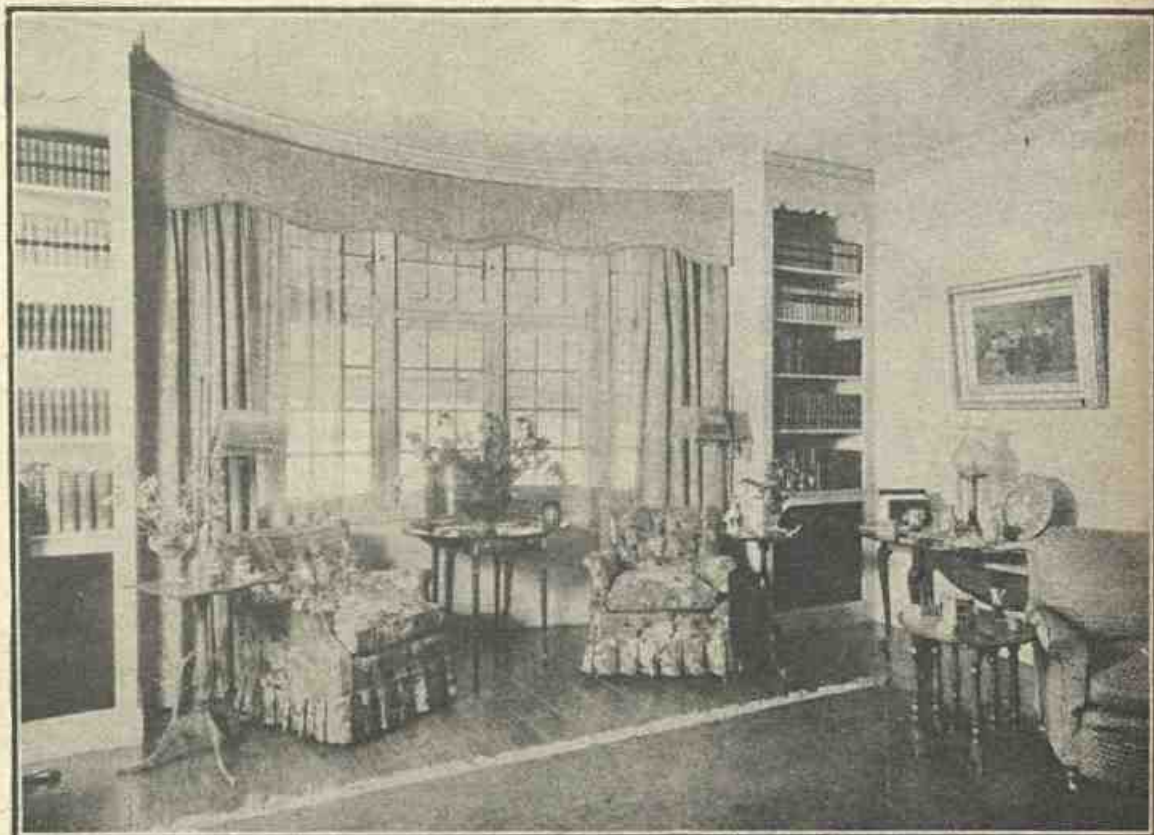
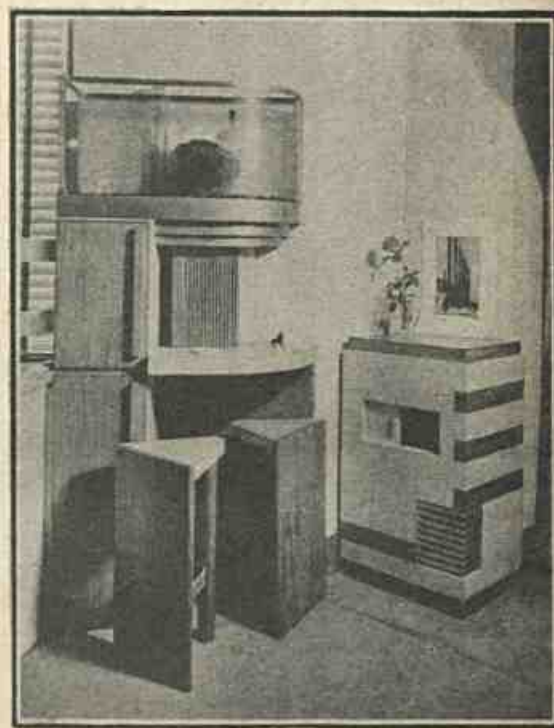
DEDICAÇÃO ESPORTIVA

A senhora de Paavo Nurmi, finlandêz e campeão mundial de corridas, requereu divorcio por achar que o marido, precisando sempre de muitas horas para o "entraînement" de cada dia em pról de sua carreira, não póde dedicar-se á familia. Éla que considera importante a gloria que êle conquistou e pretende conservar, separa-se retirando-se com um pequenito filho do casal.

Em materia de dedicação as mulheres são, sem duvida alguma, excepcionais...

A DECORAÇÃO DA CASA

LIVING-ROOM é o aposento mais frequentado da casa. A's vezes tambem se transforma em sala de refeições, desde que se não possa dividir, separando, uma e outra coisa.

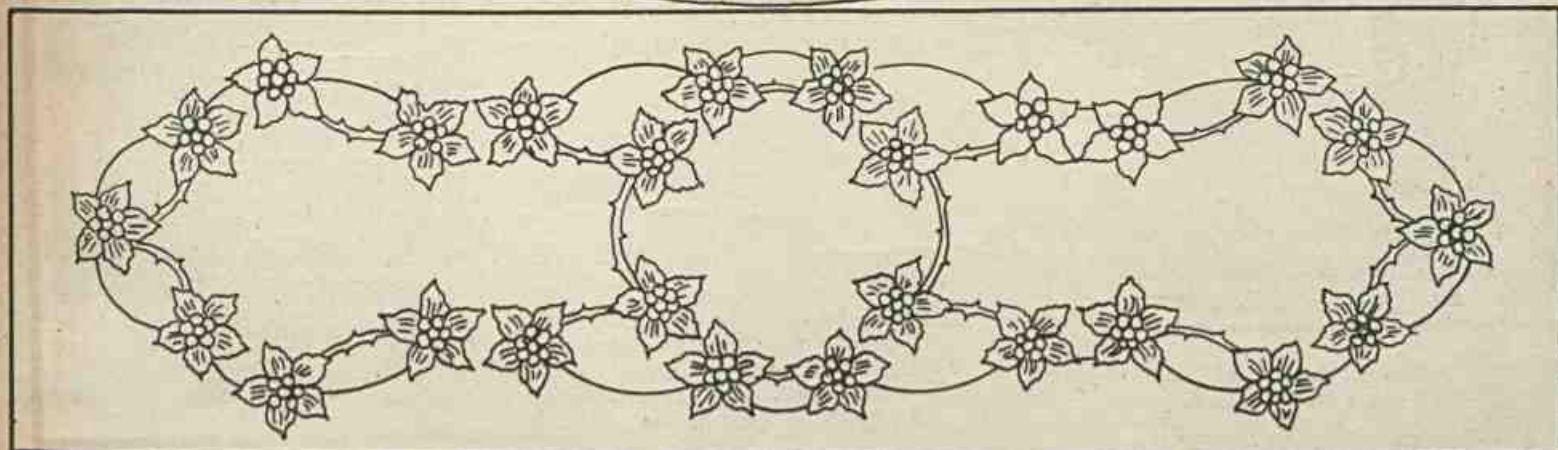
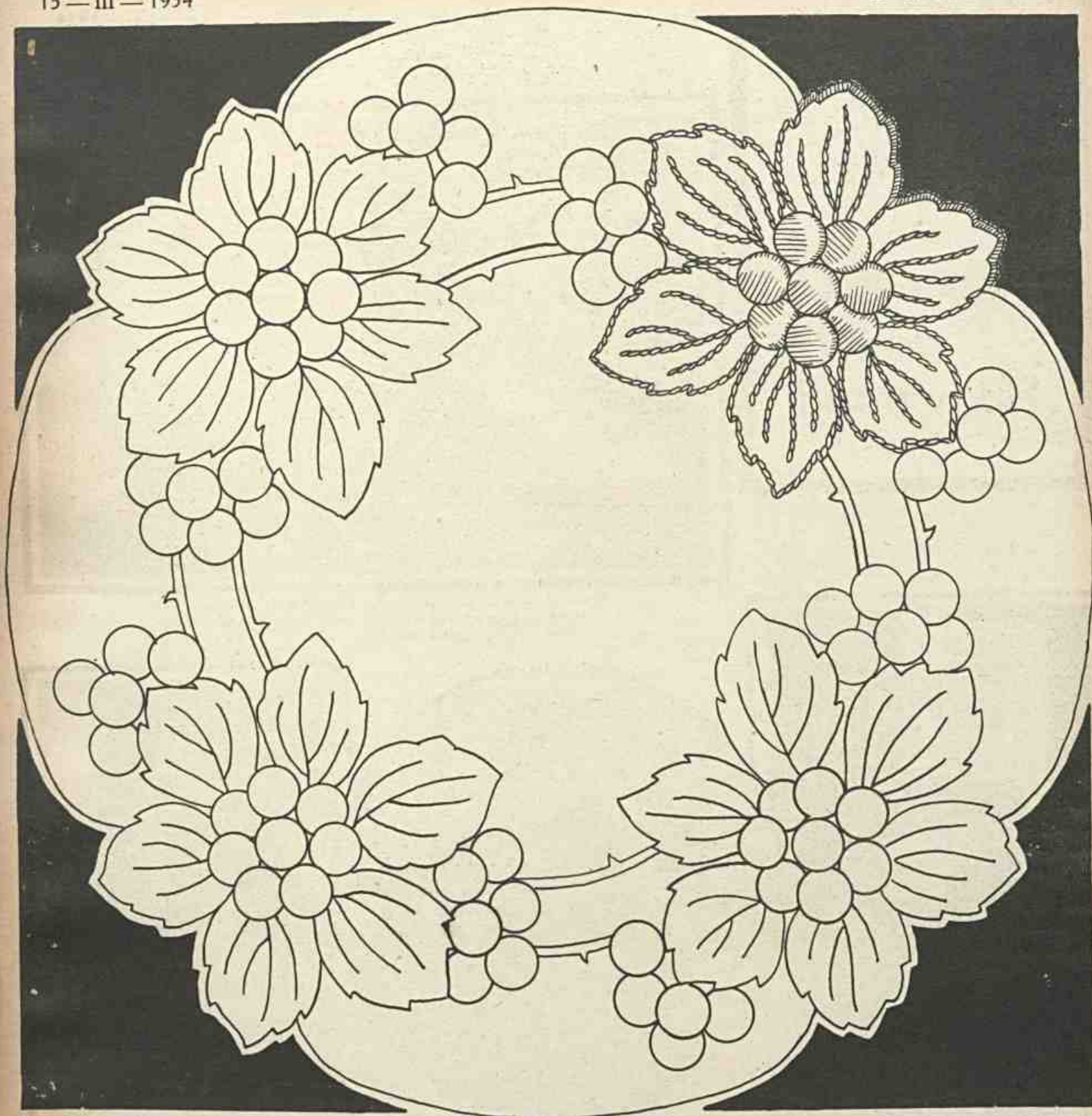
Com uma janela em semicirculo, os vidros cobertos pela transparencia de cortinas de "voile" créme claro, o "living-room" aqui estampado está nos moldes da vida hodierna. Cadeiras confortaveis, forradas de "reps" de seda estampada — a mesma seda do fundo nos *bandeaux* da cortina — outra poltrona com tecido diferente, livros nas estantes embutidas nas paredes, quadros, pequenas mesas com os objectos de uso diario, e o perfume de flôres renovadas sempre.

— Nesta mesma pagina a arte decorativa modernissima. São moveis destinados a essas casas que agora se constróem ás dezenas, rodeadas por janelas amplas, com vidraças em caixilhos retangulares, o mais das vezes, e, através dêles, franzidas e fartas cortinas de seda azul celeste, rosa salmon, amarélo ouro.

A's vezes tambem se empregam, para melhor quebra da luz solar, sanefas de madeira leve.

Como vestem as "estrellas" de Hollywood

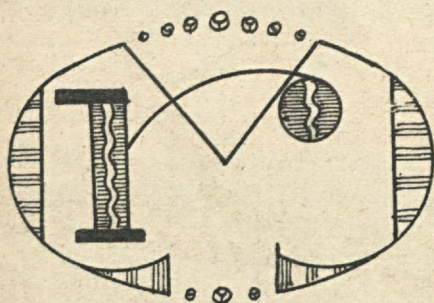
Frances Crake, da Paramount, num "déshabillé" de tule frocado, mostra-nos sapatos de "soirée", talhados em pelica côr de ouro.

Gingerz Rodgers, da R.K.O., usa "lingerie" como a que se vê: bonita e fina.

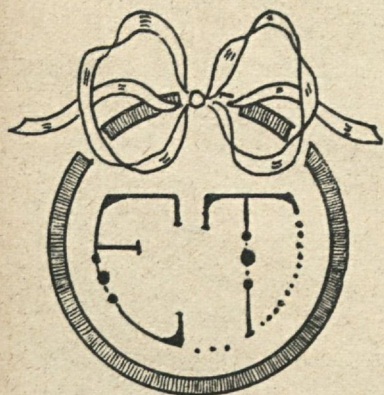
O traje esporte de Dorothea Wieck, da Paramount.

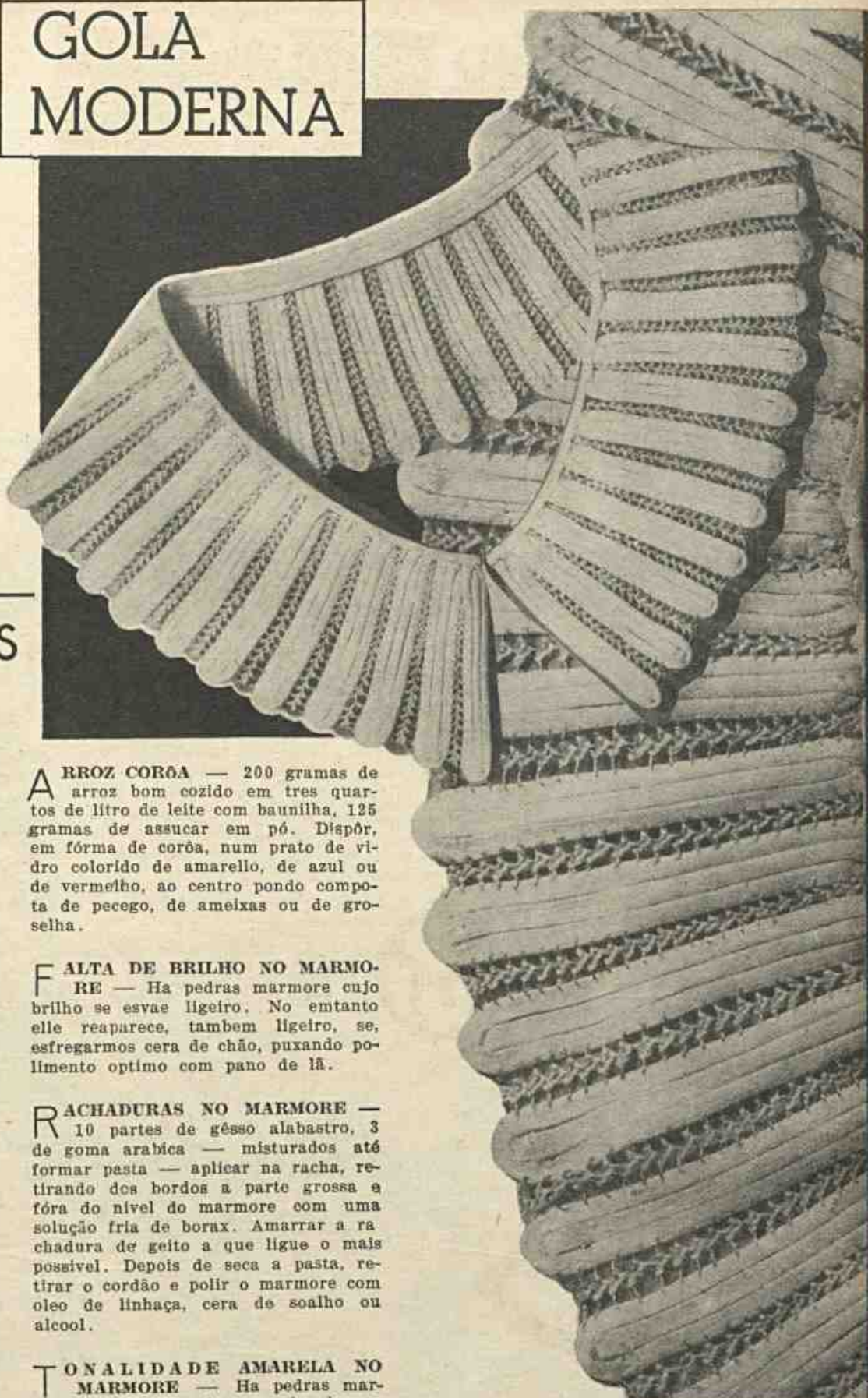
Myrna Loy, da R. K. O., tem fama de elegante, e o é, na realidade. Aqui está num vestido de meia estação, todo de crêpe de lã e seda marinho, enfeites de fustão branco.

Tanto o caminho de mesa como o fundo de compoteira são feitos de linho branco, os bordados a pontos de haste — para as folhas — cheio raso para os frutos, festonado nos galhos em circulo e na beira do pano. Em geral emprega-se linha brilhante grossa, créme ou branco azulado,

MODELOS NOVOS

Para gente grande: camisa de dormir feita de crêpe da China rosa carne pála formando pontas, grupos de pregas pra baixo; camisola de "voile triple" verde agua, guarnições de babados do mesmo tecido; camisola de setim côr de palha, pelerine guarnecida de "rouchés".

Alguns trajes que a moda creou para gente pequena dormir: camisola de cambraia azul pastel finamente pregueada entre a pála e a cintura; "robe de chambre" de "shantung" estampado; pijama de "toile de soie" branca listrada de marinho, apropriado a menino; pijama para menino tambem — flanela branca e guarnições de flanela azul celeste na gola e nos bolsos; "robe de chambre" de flanela rosa seco, botões forrados do mesmo tecido; pijama para menina — "toile de soie" ou flanela azul claro ou rosa.

* * *

GOLA MODERNA

É a que aqui está, e as outras, todas em "lingerie", renda, seda aos tacos num bordado de applicação, etc.

A de hoje é trabalhada com fios de metal e fios de seda branca. Executa-se traçando, em primeiro lugar, o desenho em tela de architecto, e, sobre elle, o tecido dobrado, formando as tres carreiras de cada bico, em seguida o "lacet" do centro, em linha de seda branca, de grossura média, "lacet" por sua vez preso ás pontas de panno por um caseado regular de fio de metal — ouro ou prata.

CONSELHOS UTEIS

CONSERVAÇÃO DAS AQUARÉLAS — Para que os quadros pintados em aquaréla não percam o brilho de colorido é necessario aplicar sobre o vidro que os protege uma solução de sulfato de quinino com pincel muito fino. Secar bem.

CONSERVAÇÃO DOS VIDROS DE LAMPADAS — Quando não se póde fazer uso da electricidade é natural que se recorram ás lampadas a gaz, a oleo, etc. Neste caso o vidro é mesmo um... vidro — quebra-se facilmente.

Para dar-lhe duração não se deve laval-o em agua, mas, tão só fazer a limpeza necessaria com um panno de linho bem secco. E' preciso não tocar num vidro de lampada assim com as mãos humidas.

Taes precauções asseguram "vida longa" ao objecto em apreço.

Quando ha uma especie de graxa sobre os vidros das lampadas é que a agua com sabão entra em scena, ou, o que é melhor, solução de terebinthina.

PARA A COZINHA — Salada de carne — Pedaços de carne cozida ou assada cortam-se o mais meudo possivel juntando-se a rodelas de pepino, pedaços de couve-flor, batatas cozidas, pimentão vermelho, pimentão verde, regando-se com azeite e vinagre ou azeite e caldo de limão. Põe-se num prato de vidro enfeitando-se com ovos cozidos, azeitonas e pedacinhos de legumes e conservas.

ARROZ CORÔA — 200 grammas de arroz bom cozido em tres quartos de litro de leite com baunilha, 125 grammas de assucar em pó. Dispôr, em fórma de corôa, num prato de vidro colorido de amarello, de azul ou de vermelho, ao centro pondo compota de pecego, de ameixas ou de groselha.

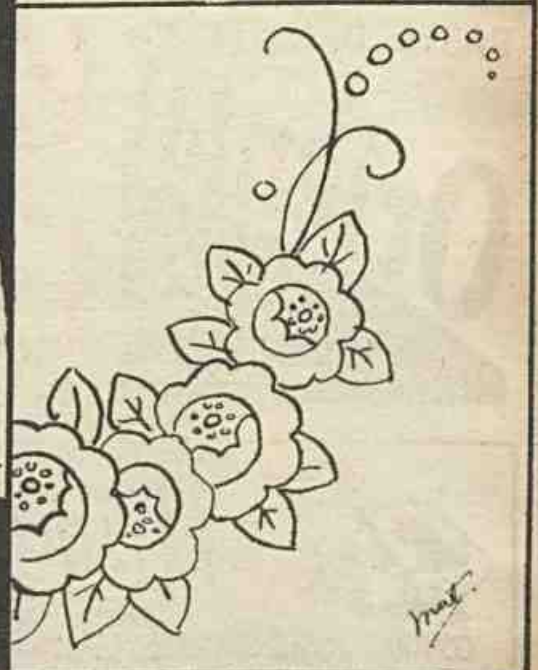
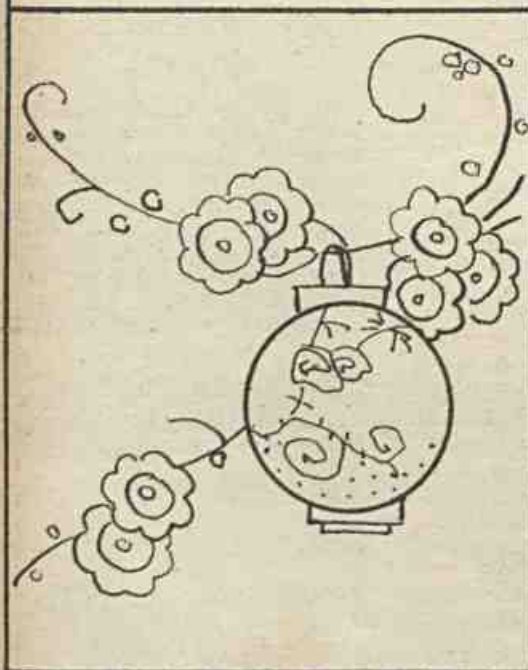
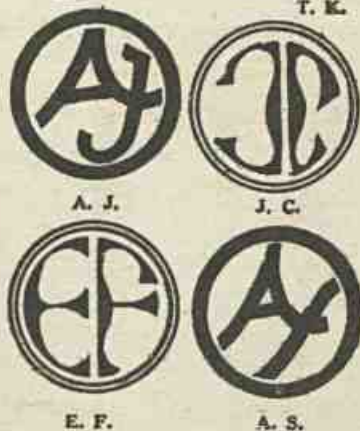
FALTA DE BRILHO NO MARMORE — Ha pedras marmore cujo brilho se esvae ligeiro. No emtanto elle reapparece, tambem ligeiro, se, esfregarmos cera de chão, puxando polimento optimo com pano de lã.

RACHADURAS NO MARMORE — 10 partes de gêsso alabastro, 3 de goma arabica — misturados até formar pasta — aplicar na racha, retirando dos bordos a parte grossa e fóra do nivel do marmore com uma solução fria de borax. Amarrar a rachadura de geito a que ligue o mais possivel. Depois de seca a pasta, retirar o cordão e polir o marmore com oleo de linhaça, cera de soalho ou alcool.

TONALIDADE AMARELA NO MARMORE — Ha pedras marmore que passam depressa do alvo ao amarelado. Um pouco de sal de cozinha em caldo de limão dá a brancura primitiva.

"LINGERIE"

Toalha, avental e *sachet* para roupa de creança, feitos de linho branco, barra azul, bordado fantasia.

Jogo composto de babador e vestidinhos de cambraia de linho, ou seda de côr; bordados ton sobre ton.

Considerações sobre vitiligo

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

O vitiligo apresenta-se sob a forma de manchas brancas, leitosas, de tamanho e forma variaveis, com os bordos nitidos e rodeadas por uma zona regular de pigmentação, um pouco ou bastante accentuada.

A coloração augmenta, gradual e sensivelmente, até chegar á epiderme normal: raramente ha limite visivel. Essas manchas podem augmentar e confluir. Quanto ao resto, superficie, consistencia, espessura, dôr ou anesthesia, a pelle não se apresenta modificada.

São os mais variaveis possiveis os logares em que se localizam as placas de vitiligo, sendo sua distribuição, no maior numero dos casos, symetrica.

Si bem que não se note preferencia por tal ou qual região, é fóra de duvida haver uma certa predilecção para a face, pescoço, antebraço e dorso da mão. Nas regiões pillosas, os pellos possuem, em geral, a côr branca e, os situados em plenas placas de vitiligo, são, ora completamente descoloridos, ora de côr normal.

O vitiligo apparece commumente de maneira brusca, mas não existe regra fixa quanto á sua evolução. As pessôas jovens e do sexo feminino são mais predispostas ao vitiligo.

As causas que determinam o vitiligo variam muito e ainda estão completamente desconhecidas. Um choque nervoso moral,, irritações locaes ou perturbações de ordem endocrina podem determinar a manifestação do vitiligo.

Na hora actual, cita-se a syphilis, o mau funccionamento das glandulas de secreção interna, como as origens mais frequentes dessa desordem de coloração da pelle, conforme vi na maioria dos casos que observei em Berlim e no tradicional Hospital *St. Louis*, em Paris.

Quando se está em face de uma causa conhecida, como, por exemplo, a syphilis, faz-se o tratamento especifico desse mal e obtem-se, ás vezes, o desapparecimento completo do vitiligo,

O mesmo modo de proceder, quando se encontra uma lesão glandular, quasi sempre testicular, ovariana ou da thyroide. Muitas vezes são efficazes a hydrotherapia sedativa ou a tonica e o tratamento electrico.

Na hypothese de falharem todos os recursos scientificos, resta lançar mão da tatuagem, quando se trata de um vitiligo de poucas dimensões ou então pintar as regiões brancas com um liquido colorante qualquer, como, por exemplo uma solução fraca de permanganato de potassio. Hoje em dia obtêm-se optimos casos de cura de vitiligo applicando-se as substancias photo-sensibilizadoras, cuja propriedade é sensibilizar a pelle aos raios solares.

Após a applicação da substancia photo-sensibilizadora preferida, faz-se então uma sessão de raios ultra-violetas. Nos vitiligos recentes, obtêm-se resultados optimos com os raios ultra-violetas, principalmente a lampada de Kromayer e a photosensibilização geral ou local.

Por mais antigo que seja, não se deve deixar de tratar o vitiligo pois, se bem que as manchas progridam lentamente uma therapeutica bem orientada tem a vantagem de, no minimo, fazer com que não augmentem de volume. Tem-se, portanto, uma probabilidade de curar os casos de vitiligo recente ou então de, na peor das hypotheses, paralysar a molestia, em se tratando de vitiligo antigo.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao DR. PIRES — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

1.º TORNEIO COMMUM DE 1934 — JANEIRO, FEVEREIRO E MARÇO

N.º 41
15
MARÇO

PREMIOS — 1 para cada um dos vencedores de 1.º, 2.º, 2/3 e 1/2 dos pontos (feitos os desempates quando precisos) e para o autor do melhor trabalho escolhido por votação entre os concurrentes classificados segundo o criterio regional. Esse premio será o retrato do mais votado publicado no nosso Quadro de Merito. O premio de 1.º logar é um Diccionario do Charadista, de A. M. Souza.

LIVROS adoptados nos *torneios communs*: Cand. Fig. (edição reduzida); Simões da Fonseca (edição pequena); Fonseca & Roquette (lingua e synonymos); Chompré (Fabula); Bandeira (synonymos); A. M. Souza (os 2 volumes); Jayme de Seguier (Dicc. Pratico Illustrado); Miguel Caminha (Vocabulario Monossyllabico). Para trabalhos desenhados: proverbios tirados desses diccionarios, do Moraes, do Rifoneiro Portuguez (de Pedro Chaves), e dos Adagios Portuguezes (de Antonio Delicado).

NOVISSIMAS 201 a 206

2—1—*Offereci* uma *penna* de "*letras*" a certa *rapariga*.

Soberano

2—2—"*Ventura*" *persiste* na idéa de que o Brasil abomina *autoridade absoluta*.

Ricardo Mirtes (Recife)

2—1—Pagou *imposto* esse "*orgam*" que quando toca em lá menor enthusiasma a "*massa*".

Tiburcio Pina (Cidade do Salvador—Bahia)

2—2—Ainda que morra solteira, o meu desejo é não namorar homem *irreligioso*.

Vivi (Grupo dos XX, Piracicaba)

2—2—Toda "*ave*" de meu *paiz* tem sua *origem*.

Tercio-Filho (Recife)

2—2—O "*caixa*" perdeu-se na *foz* do rio, deixando portanto de fazer a *arrecadação*.

V. Neno (Grupo XX, Piracicaba)

CASAES 207 a 210

2—"*Brandão*" tem *cara* de poucos amigos.

Luar (G. T. A.—Theophilo Ottoni, Minas)

2—Bastou um só "*golpe*" para quebrar o "*coco*".

Otto von Mack (Nictheroy—E. do Rio)

2—A *magnanimidade* em excesso pode muitas vezes transformar-se em um *crime*.

Miguelzinho (Jequié, Bahia)

2—Homem *gordo* e *patife*.

Iris (G. T. A.—Theophilo Ottoni, Minas)

SYNCOPADAS 211 a 214

(*Ao Joliver*)

3—2—Não avalias o *odio figadal* que tenho desta "*mulher*".

Bisilpa (Natal—R. G. do Norte)

3—2—*Ver* um argueiro no olho alheio e não *ver* a tranca no seu.

C. Maia (B. C. P.—Passos, Minas

3—2—*Caldo de canna* não é bebida *gentil*.

Capichoto (Gremio Capichaba—Victoria, E. Santo)

3—2—Em cima daquelle "*apparelho*" pousou uma "*ave*".

Cid Marlowe (B. P.—São Paulo)

ENIGMA 215

(*A Mr. Trinquesse*)

Passa o trem por sobre o trilho,
Ha, na sua cauda, occulto
Um sujeito *maltrapilho*
De que se vê só o vulto.

Ignotus (A. C. L. B.)

CHARADAS 216 a 218

No "*tronco*" de sua raça,—2
Como orgulhoso que elle é,—1
P'ra suas fanfarronices
Encontra *arrimo* o José.

Goutras d'Abrunhosa (Th. Ottoni—Minas)

ALBUM DE OEDIPO

QUADRO DE HONRA

Campeão Brasileiro de 1933 — MR. TRINQUESSE

4.º TORNEIO COMMUM DE 1933 — N.º 24

DECIFRADORES

TOTALISTAS

Etiel e Euristo (ambos da T. E.) e Vasco Dias (todos 3 de Lisboa, Recife), Helio Florival, Belkiss, Noiva da Collina, Taft, Eneb, V. Neno, Vivi (todos do Grupo dos XX, de Piracicaba, São Paulo), 24 pontos cada um.

OUTROS DECIFRADORES

R. Said, Lolina e Velhusco (todos 3 da Cidade do Salvador, Bahia), 23 cada; Alvasco e K. Nivete (ambos de Recife), Lidaci (Capital), 22 cada; Mawercas (Capital), Americo, Castrinho, Cauboio, Scylla, Ananias (todos 5 da Gente Nova, de Corumbá), Passaro Negro (Barbacena, Minas), 21 cada; Tercio-Filho (Recife), Ricardo Mirtes (idem), Gandhi (Campos, E. do Rio), Candinho (Bananal, São Paulo), Capichoto, Capichola, Capuchinho (todos 3 do Gremio Capichaba, E. Santo), 20 cada; Tiburcio Pina (Bahia), 19; Dama Verde (Bahia), 18; Edipo (Curityba), 15; Pardaillan (A. C. L. B. — Capital), 14; De Souza (Capital), 11; Bibliophilo (Santa Barbara, Minas), 7; Principe Aymone (João Pessoa, Parahyba), 4.

Do n. *22*:

Tercio-Filho e Ricardo Mirtes (ambos de Recife), 21 pontos cada.

Do n. *23*:

Principe Aymone, mais 7 pontos.

DECIFRAÇÕES DO N. 24

51 — Estaca; 52 — Pitora; 53 — Afear; 54 — Arcoso; 55 — Azafama; 56 — Corregimento; 57 — Asbolo; 58 — Alfazema; 59 — Canastro, Canastra; 60 — Monteiro, monteira; 61 — Jambo, jamba; 62 — Maximo, maxima; 63 — Querida, queda; 64 — Solapa, sopa; 65 — Asera, ara; 66 — Machucho, macho; 67 — Vareira (vara, rei); 68 — Maqueta (mata, que); 69 — Ademanes; 70 — Jurema; 71 — Homenage; 72 — Belluario; 73 — O antigo de dias; 74 — Batrachomyomachia; 75 — *Nulla*.

NOTA — Não conseguimos verificar *espinha* (Casal 59), como — *tronco humano* —, dentro dos diccionarios adoptados, nem tambem *Extrema* (Casal 62) como *excelso* — Como *cabeça*, *cabeço* para 59. Justifiquem.

Dia de festa na aldeia... Que animação!
A capella rustica ornada de loureiro
Tem um aspecto alegre e muito prazenteiro
Que convida o peregrino á contemplação.

No recinto da ermida *fala* a multidão—2—
Cá fóra, junto á porta, um aspero festeiro
Offerece estampas do Santo milagreiro—1—
Pela modica importancia de um tostão.

No adro da "*capella*" mil vezes secular
De pandeiros ao som, guitarras, violões,
Bailam bem bonitas as moças do logar.

Vendo eu esses grupos, ouvindo essas canções
Me quedo pesaroso e triste, a recordar
A minha mocidade cheia de illusões.

Automarepe (Recife)

Ao iniciar meu trabalho
Eu saúdo os charadistas
Tambem esse grande O MALHO
Recordista nas revistas.

Em regosijo ao inicio
Offereço esta "*cerveja*";—2—
E, com a *gala* do officio,—2—
"*Bebida*" mui bemfazeja.

Eu saúdo-os novamente,
Desejando na refrega
Tombar sempre um combatente.

Vou terminar meu trabalho
Deixando não boa esfrega
De um charadista d'O MALHO.

Zé K. Lima (Santa Barbara—Minas)

LOGOGRYPHO 219

Bem agarrado á *planta*—7—2—12—9—5
Que d'Africa é natural
Avistei um ser estranho
Me parecendo *animal*—6—12—11—1—2

E quando me approximei
Eu vi cousa de espantar
O referido *animal*—5—4—3—10—12
Em *ave* se transformar.—5—7—4—8—1

Depois de muito pensar
Eu cheguei á conclusão—9—4
De que esse tal *animal*
Não passava de illusão.

Automarepe (Recife)

Planta iliacea, cobra, macaco, passaro do Brazil e animal asiatico.

PRAZOS

Terminarão: a 4, 9, 15, 17, 19 e 24 do mez proximo, respectivamente para cada um dos grupos regionaes, já estabelecidos no regulamento, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

CORRIGENDA

Do n. *39*:

Nas charadas 176 e 178, deve haver o algarismo — 1 — no fim de cada um dos 7.º e 6.º versos successivamente.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos o "*Deca*", n. 3, de 15 do mez findo, orgão official da aggremiação do mesmo nome, dirigida pelo nosso illustre confrade Gondemaga. Está interessante e promette viver muito. Agradecemos.

RECTIFICAÇÃO DE PONTOS

No n. 19, Tercio-Filho, de Recife, tem 7 pontos e não 21 como sahiu tambem.

CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1934

Estamos nas vesperas do inicio do Campeonato Brasileiro de 1934. Tudo seguirá muito bem, estamos certos, lamentando nós, apenas, que a falta de attenção ás Instrucções publicadas n'O MALHO 19, de 12 de Outubro do anno findo, e ao Regulamento para 1934, por parte de alguns inscriptos, os tenham impedido de apparecer com trabalhos.

Entretanto, queremos acreditar que elles figurarão com brilho na disputa da prova, pois tanto lhes permitte a clausula 6.ª das respectivas *Instrucções*; e não será de admirar se dentre os mesmos surgir o que será consagrado Campeão de 1934.

A intenção nossa, logo após a disputa da 6.ª série da Taça Maria-Flôr e do Campeonato de 1933, foi appellar para os prezados confrades, que honram estas columnas com as suas preferencias, no sentido de produzirem trabalhos, embora mais *fortes* que os destinados aos *torneios communs*, não o fossem, entretanto, *ferros* como tem acontecido ultimamente, e publicados a contragosto nosso, mais em consideração á columna forte dos batalhadores de Edipo, do que mesmo á nossa propria vontade.

Passou, porém, a opportunidade e, preoccupados como andavamos, e ainda andamos, com os multiplos affazeres, quer jornalisticos, quer particulares, nos esquecemos de lançar

1.º TORNEIO COMMUM DE 1934

esse appello no momento da publicação das *Instrucções*. Depois, não mais nos occorreu essa idéa e o prazo encerrou-se sem que tivessemos tido a opportunidade de tornar publica essa nossa intenção tão necessaria, tão animadora, e tão reclamada pela massa charadistica em sua maioria.

O que não foi feito desta vez, sel-o-á, impreterivelmente, durante o Campeonato Brasileiro de 1935, si acaso Deus nos conceder a dita de presidirmos mais esse torneio annual.

Para reparar em parte o prejuizo causado pela falta de publicação do appello a que nos referimos linhas acima, escolheremos, dentre os mais difficeis da remessa de agora, os artigos menos fortes, e esses, então, constituirão a prova deste anno, pedindo desculpas, desde já, áquelles dos inscriptos que nos solicitaram preferencia para taes e taes artigos, se acaso não virem satisfeitos os seus desejos em tal sentido.

CORRESPONDENCIA

Enviaram trabalhos: Miguelzinho (Jequié), Ricardo Mirtes e Tercio-Filho (ambos de Recife).

Lidaci (Capital) — No Roquette, primeiro volume, como diz, não vemos o que cita, isto é, *admiravel—optimo—*maximo. Quanto a *summo*, em Souza, nada temos com essa palavra, pois o conceito não é *summo* e sim *admiravel*. Cahiriamos, por essa fórma na synonymia de synonymia. Ha, por força, engano nessa reclamação, ou, então, não a comprehendemos.

Icaro (S. Luiz, Maranhão) — Entraram no prazo as decifrações do n. 31. Seu prazo é o 6.º. Annotada a nova residencia. Agradecemos e retribuimos os votos de felicidade.

Ignotus (Capital) — *Estagno* e *murcha* não servem porque a *casal* vasada em verbo não é mais admittida aqui. Mais *brandura* nos trabalhos para os *torneios communs*. Lembre-se que esse torneio é só para os *fracos*.

Lyrio do Valle (Belém, Pará) — Sobre a casal — *Inferno*, leia o que dizemos a Ignotus.

Lily Qunglietta (S. Paulo) — Idem quanto a *Ia* e *aperta*.

C. Maia (Passos, Minas) — A syncopada *Maturanja* não serve porque está fóra do Regulamento, titulo — ESPECIES ADMITTIDAS.

Alvaro Neves (Mucugê, Lavras Diamantinas, Bahia) — Nada temos com as *Palavras Cruzadas*, nem com as *Cartas Enigmaticas*, por isso entregámos ás primeiras ao encarregado desse serviço. A correspondencia destinada a taes secções deverão trazer no enveloppe, por fóra, os dizeres, em letras grossas: *Palavras Cruzadas* ou *Carta Enigmatica*.

Edipo (Curityba, Paraná) — O prazo do Campeonato terminou fatalmente a 31 de Janeiro ultimo, por isso não poderemos mais acceitar os trabalhos remettidos em carta de 27 do mez passado. Scientes do que nos diz a respeito das photographias de *K. C. T.* e *D. Chico T.* O *Vocabulario Monossyllabico* custa 5$000, é encontrado na Academia Charadistica Luso Brasileira, Rua da Estrella, 38. A *Biblia da Vida*, na Livraria Alves, 166, Rua do Ouvidor, mas não lhe sabemos o preço. Sobre o *Rifoneiro Portuguez*, de Pedro Chaves, é bom dirigir-se á Livraria Antunes, Rua Buenos Aires, 133, pois essa casa commercial está esperando tal obra já pedida a Lisboa.

Barbazul (São Paulo) — A declaração veiu tarde. Como não trouxeram o distico — *Campeonato* — pensamos dirigidos ao *torneio commum*, para os quaes são *fortes*.

MARECHAL

FIGURADO 220

Perópadis (Aracajú — Sergipe)

Externato Redenção

O director e a preceptora do Externato Redenção, da capital paulista, rodeados de alumnos desse estabelecimento escolar.

O novo horario de funccionamento do commercio em Pouso Alegre foi deliberado nesta assembléa, realizada, na Prefeitura local, presidida pelo chefe do Executivo municipal, com a presença de todos os interessados. Um flagrante tomado na occasião.

Lourival Borborema Porto e Senhorita Waldemira Raymundo da Silva, nossos leitores residentes em Campina Grande, Parahyba do Norte.

MECANO

Da Empresa Paulista de Productos Chimicos, sob a direcção do Snr. Vicente C. Mello, nome sobejamente conhecido no alto commercio paulistano, recebemos algumas amostras dos seus excellentes productos saponaceos Mecano em tijolo e em pasta para a limpeza em geral.

A pasta Mecano é empregada principalmente para tirar qualquer mancha, no que é de resultados garantidos.

4
THESOUROS PARA A INFANCIA. LIVROS PRIMOROSOS PARA AS CREANÇAS
PAPAE
de Joracy Camargo
Vovó d'O Tico-Tico
de Carlos Manhães
HISTORIAS DE PAE JOÃO
de Oswaldo Orico
PANDARECO, PARACHOQUE E VIRALATA
de Max Yantok
LIVROS DE RECREIO, DE CULTURA. LIVROS QUE TODAS AS CREANÇAS DEVEM LER.
ESTÃO A VENDA NAS LIVRARIAS DE TODO O BRASIL
PEDIDOS Á BIBLIOTHECA INFANTIL D'O TICO-TICO
TRAVESSA DO OUVIDOR 34-RIO DE JANEIRO
PREÇO DE CADA VOLUME
5$
Luiz Sá
RIO — 34